

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

Curso de Língua Portuguesa e sua respectiva literatura

MARCO ANTONIO WITTMANN SAENGER

SOBRE UM BOM TEXTO:

algumas lições de Steven Pinker

BRASÍLIA

2019

SOBRE UM BOM TEXTO:

algumas lições de Steven Pinker

Trabalho apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português e sua respectiva literatura, feita sob a coordenação do Professor Doutor Marcus Vinicius da Silva Lunguinho.

BRASÍLIA

2019

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português e sua respectiva literatura.

MARCO ANTONIO WITTMANN SAENGER

Monografia apresentada em 10/12/2019

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Dedicatória

A todos que tiverem a paciência de ler este trabalho e que o acharem merecedor do tempo gasto na atividade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que me permitiram ser e me ensinaram a pensar, especialmente aos meus professores, aos filhos e progenitores e à minha esposa Lili.

RESUMO

Este trabalho aborda algumas lições de Steven Pinker publicadas em seu livro “Guia de Escrita – Como escrever um texto com clareza, precisão e elegância”. A edição tomada como base, de 2016, traduzida por Rodolfo Ilari, compreende cinco capítulos, os quais somente dois foram aqui comentados com detalhes: o capítulo “Escrever bem”, - que elenca algumas qualidades que o autor vê nos bons textos e as práticas e truques dos bons escritores -, e o capítulo “A rede, a árvore e a sequência”, - que aborda a boa escrita à luz da ciência da linguística. Os demais capítulos mereceram aqui resumos ligeiros, face à exiguidade do tempo disponível para feitura deste trabalho acadêmico. O prólogo de Pinker foi examinado com vagar, não só por abrir o livro-base, como em razão de sua densidade enquanto tema para reflexão do estudante.

Palavras-chave: estilística, texto, estrutura sintática, interpretação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O PRÓLOGO DE PINKER	10
2. ESCREVER BEM – Engenharia reversa	
a) Algumas das considerações de Pinker	12
b) Tentando alguma prosa ao sopro de Pinker	18
3. A REDE, A ÁRVORE E A SEQUÊNCIA	
a) A pessoa letrada precisa saber pensar a gramática	24
b) Por que o título a rede, a árvore e a sequência	25
c) A sintaxe, as frases (e sua organização) e outras noções de gramática	28
d) Algumas espécies de cegueiras sintáticas	
1 – cegueira para os buracos nas orações relativas	32
2 – cegueira para as regências	32
3 – cegueira para as bifurcações de uma estrutura de coordenação	33
4 – cegueira para o caso	36
e) Palavras desnecessárias	37
f) As ramificações à esquerda e ao centro	38
g) Ambiguidades	42
h) Caminhos de jardim	48
4. OS CAPÍTULOS OMITIDOS	50
5. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXO I	58
ANEXO II	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) procurará examinar algumas características do bom texto escrito. A intenção inicial era focar todos os pontos abordados por Steven Pinker em seu livro “Guia de Escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância”.

Ainda no início da empreitada, vi ser demasiada minha pretensão, porque diminuto o tempo disponível. Obrigado a reduzir expectativas, ajustei a meta tornando-a bastante mais modesta. Vi no correr do trabalho que o livro de Pinker, relativamente pequeno (tem 252 páginas), é denso o bastante para aconselhar cautela e humildade a um graduando.

Para fazer justiça a Pinker, talvez não devesse antecipar o que será dito neste TCC. É Pinker mesmo quem diz do malefício da prática que devo evitar (2016, pp. 53/54).

Escritores inexperientes costumam pensar que estão fazendo um favor aos leitores guiando-os pelo texto e antecipando o que será visto. Na realidade, antecipações que são sumários dispensáveis servem para ajudar o escritor, não o leitor.

Escritores inábeis fazem muito uso disso (da sinalização). Sem perceber, seguem a recomendação de dizer o que vai dizer, dizer, e depois dizer o que disse.

A boa escrita aproveita-se das expectativas do leitor sobre o próximo caminho a tomar.

Acontece que isto é um TCC e, por isso, precisa ficar jungido a determinadas exigências acadêmicas. Só atendendo às regras e demandas da UnB poderei licenciar-me no curso “Letras Português e sua respectiva literatura” e habilitar-me a dar aulas de Língua Portuguesa. Vou seguir os mandamentos da academia, portanto.

Antecipo, então, que este trabalho cuida somente dos pontos abordados em três capítulos do livro de Pinker: o “Prólogo”, - tido aqui como um capítulo, pelo motivo que será declarado adiante -, e os capítulos “Escrever bem - engenharia reversa; a boa prosa como chave para desenvolver uma sensibilidade de escritor” e “A rede, a árvore e a sequência - compreender sintaxe pode ajudar

o escritor a evitar uma prosa agramatical, enrolada e enganosa”. Afora a análise dos três capítulos, o trabalho contém um capítulo destinado a dar notícias (breves) sobre o conteúdo dos capítulos omitidos e, obviamente, uma “Conclusão” a todo o exposto, que não pode faltar.

O trabalho se desenvolverá da forma seguinte. O “Prólogo” e os capítulos “Escrever bem” e “A rede, a árvore e a sequência” corresponderão, cada um, a um capítulo do TCC. O capítulo “Escrever bem” será inicialmente resumido e, a seguir, examinado à luz de textos literários de autores modernistas. O capítulo “A rede, a árvore e a sequência”, em função de seu tamanho e complexidade, será resumido e examinado por etapas e, quando conveniente ou necessário, complementado com informações de outros autores. Considerações minhas serão feitas a partir de textos recolhidos de várias fontes (internet, jornais, placas, memória).

Enfim, haverá resumo, acréscimos e omissões aos conteúdos de Pinker segundo a conveniência da dissertação, mas sempre com a intensão de mostrar os ensinamentos do autor sobre a questão em exame: o que deve ser considerado e observado na confecção ou apreciação de um texto?

Pinker elabora seu “Guia de Escrita” abordando as questões relativas à boa escrita em três frentes. Na primeira, mostra as qualidades que vê nos bons textos e as práticas e truques dos bons escritores (capítulo “Escrever bem”). Considero parte dessa frente também as lições sobre o estilo clássico (“Uma janela para o mundo”) e o capítulo sobre “a maldição que pesa sobre os seres humanos” de atribuírem “muito de seu próprio conhecimento aos outros” (2016, p. 212) (“A maldição do conhecimento”). Na segunda frente, Pinker aborda a boa escrita à luz da ciência da linguística, colocando em segundo plano ou omitindo as regras da gramática tradicional. Procura focar nessa etapa as sentenças em sua individualidade (“A rede, a árvore e a sequência”). A última frente é dedicada à análise do texto como um todo, aos arcos de coerência que devem existir entre suas sentenças (“Arcos de coerência”).

Dois esclarecimentos adicionais precisam ser feitos.

O primeiro diz respeito aos objetivos deste trabalho. Já ressaltai que a intenção primeira era examinar todo o livro de Pinker, o que se mostrou inviável.

Como me vi obrigado a reduzir pretensões, optei por focar o capítulo inicial (ou capítulos, se assim considerado o prólogo) e o que trata das sentenças do ponto de vista linguístico, neste caso em face da própria especialização do meu orientador. Não considero que a mudança me deslustra. É Pinker quem diz que, no mais das vezes, os escritores não sabem o “objetivo de seu próprio ensaio até terem escrito o primeiro esboço” (2016, p. 188).

O segundo diz respeito ao estilo. Necessário ressaltar que Pinker distingue o “estilo prático” do “estilo clássico”. (2016, p. 44)

No estilo prático, o escritor e o leitor têm papéis definidos (supervisor e empregado, professor e aluno, técnico e consumidor), e o objetivo do escritor é satisfazer uma necessidade do leitor. A escrita no estilo prático pode precisar ajustar-se a formatos preestabelecidos (uma dissertação em cinco parágrafos, uma comunicação em uma revista científica), e é breve porque o leitor precisa da informação num tempo hábil.

A redação em estilo clássico, ao contrário, usa qualquer forma e tempo necessários para que o autor apresente uma verdade interessante. A concisão do escritor clássico “nasce da elegância de sua mente, nunca de pressões de tempo ou emprego”

Vi-me assim em uma dúvida: há o estilo clássico melhor que o prático, mas há também o estilo prático mais conveniente que o clássico. Resolvi-me desse modo: em vista das vantagens do estilo clássico em relação ao prático, assumi que, mesmo obrigado ao estilo prático, não estou proibido de seguir os ensinamentos de Pinker relativos ao estilo clássico. Então, por querer assim, e com autorização tácita do orientador, naveguei com os pés em duas canoas. De olho na obtenção do diploma, procurei atender às normas da academia, em especial às da ABNT; no esforço de superar minha mediocridade, usei escorregadelas estilísticas quando a minha consciência considerou-as proveitosas à clareza ou elegância do texto.

1. O PRÓLOGO DE PINKER

O prólogo do Pinker não é um prólogo, é muito denso e revelador para um prólogo. É mais parecido com um capítulo. Por isso, precisa de um tópico que aborde seu conteúdo.

Com ele, o autor inicia seu trabalho de insuflar novidade em uma espécie de publicação meio desacreditada, às vezes tida como inútil. Estou falando dos livros que se propõem a orientar e aconselhar escritores novos e velhos na “arte” da boa escrita. Pinker foge à mesmice dessas obras a partir do título, enxotando o termo manual ao optar pelo uso da expressão “guia de escrita”. É pouco elogioso aos manuais tradicionais: “(...) minha relação profissional com a língua tem me levado a ler os manuais tradicionais com um sentimento crescente de mal-estar” (2016, p. 14).

E vêm depois os motivos do incômodo. Abordando um manual de língua inglesa, diz que seus autores (Strunk e White) “tinham um entendimento fraco da gramática” (2016, p.14). Justifica: aqueles autores, por exemplo, usaram uma oração que não está na voz passiva como se nela estivesse¹ (2016, p. 14) e classificaram um verbo intransitivo como transitivo². Não bastasse, serviram-se da voz passiva para argumentar contra o uso da voz passiva³ (2016, p. 15).

Mas o principal ponto abordado por Pinker não é o conhecimento dos autores dos manuais de escrita (ou a adequação dos exemplos e dos conselhos que eles dão em suas obras), mas sim a estreiteza das ideias então vigentes a respeito da realidade da língua. Nesse ponto, Pinker é entusiasmado e claro (2016, p. 15).

A língua não é um protocolo imposto por uma autoridade, mas um “sistema wiki” que reúne as contribuições de milhões de escritores e falantes, os quais submetem continuamente o idioma às suas

¹ *There were a great number of dead leaves lying on the ground.* Traduzida como: “Havia um grande número de folhas mortas pousadas no chão”.

² *The cocks crow came with dawn.* Traduzida como: “O canto triunfante dos galos chegou com o nascer do sol”.

³ *Many a tame sentence ... can be made lively and emphatic by substituting a transitive in the active voice.* Traduzida como: “Muitas sentenças inexpressivas podem ser tornadas sentenças vívidas e enfáticas se nelas for introduzido um verbo transitivo na voz ativa”.

necessidades e que, fatalmente, envelhecem, morrer e são substituídos pelos filhos, que modificam a língua por sua vez⁴.

É daí que Pinker inicia críticas aos que não aceitam alterações na língua. Segundo ele, os inconformados, quando envelhecem, acabam confundindo mudanças pessoais com mudanças no mundo, “e mudanças no mundo com decadência moral” (2016, p. 17). Então, passam a temer ou lamentar a evolução. Pinker apresenta seis textos de diferentes épocas, a partir do ano de 1785, todos expressando preocupação com o declínio da pureza do inglês no meio estudantil e no seio do povo em geral. Houvesse de fato o declínio aventado, o inglês não serviria mais como meio de comunicação entre os homens.

Pinker faz críticas, mas atenua-as com ressalvas e justificativas dos pontos de vista do passado. É que antes, sustenta Pinker, não havia base para as recomendações de estilo. As coisas tinham que ser feitas por força da tradição ou em razão do argumento da autoridade. Hoje, todavia, (2016, p. 19)

Temos um corpo de pesquisas sobre a dinâmica mental da leitura: o aumento e diminuição das cargas de memória à medida que os leitores compreendem uma passagem, o incremento do conhecimento à medida que captam o sentido, os becos sem saída que podem desnorteá-los. Temos um corpo de história e de crítica que permite distinguir as regras que favorecem a clareza, a graça e a ressonância emocional daquelas que se baseiam em mitos e equívocos.

E com tal pano de fundo Pinker diz das finalidades de seu trabalho: não é um manual de respostas para dúvidas mezinhas de grafia e pontuação e não é um programa de recuperação para estudantes mal formados em redação. O livro “foi pensado para as pessoas que já sabem escrever, mas que querem escrever melhor” (2016, p. 19) e também “para leitores que não procuram ajuda para escrever, mas que se interessam pelas letras e pela literatura” (2016, p. 19). Este estudante se identifica com os dois propósitos.

Os parágrafos finais do capítulo/prólogo são destinados a destacar a importância do estilo. Primeiramente, a afastar o sempre presente pensamento de que antes tudo era melhor: “a língua inglesa (...) enfrenta uma nova ameaça com o crescimento da internet e de suas práticas de *texting*, *tuítes*, e *e-mails* e salas

⁴ Foi por meio desse texto que tomei conhecimento de Steven Pinker. O professor de Sintaxe da Língua Portuguesa, orientador deste TCC, o incluiu em uma de suas avaliações, no 2º sem/2016.

de *chat*” (2016, p. 20). Crença despropositada, pois nunca se escreveu e se leu tanto, por todas as idades, por pessoas de todas as condições sociais. “Mais do que nunca, agora, a moeda corrente de nossas vidas sociais e culturais é a palavra escrita”, sustenta Pinker (2016, p. 20). E mais ainda: a escrita em meios eletrônicos, - revelam os levantamentos -, não é feita de qualquer forma, mas sim ajustada ao contexto e com preocupações estilísticas. E o estilo, completa Pinker, em sequência, é importante por pelo menos três razões: (a) “garante que os escritores conseguirão que suas mensagens cheguem aos destinatários” (2016, p. 21); (b) traz confiança, pois “se os leitores percebem que um autor se preocupa com a coerência e qualidade de sua prosa, confiarão que ele se preocupa (...) com outras virtudes” (2016, p. 21); e (c) “acrescenta beleza ao mundo” (2016, p.22).

2. ESCREVER BEM – Engenharia reversa. A boa prosa como chave para desenvolver uma sensibilidade de escritor

a) Algumas das considerações de Pinker

Vou começar pelas palavras de Steven Pinker sobre o porquê da habilidade dos bons escritores (2016, p. 24): “eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência mais sintaxe e memória para as palavras”.

Pinker reconhece, então, uma habilidade inata, um “dom” para a boa escrita, todavia, logo a seguir emenda (2016, p. 24)

Mas ninguém nasceu com competência para redigir em inglês enquanto tal. Essa competência pode não ter se originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum lugar.

Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons escritores são leitores ávidos.

Os escritores são “leitores ávidos”, disse Pinker (2016, p. 23). E é nessa pedra que ele constrói um capítulo do seu livro. A começar do título:

“Escrever bem – Engenharia reversa. A boa prosa como chave para desenvolver uma sensibilidade de escritor” (2016, p. 23).

Pinker selecionou quatro trechos de prosa do século XXI⁵, de diferentes estilos, com a intensão declarada de “fornecer um vislumbre” (2016, p. 24) de como os escritores aplicam a “engenharia reversa” para produzir sua obra. Seu propósito, segundo disse, “não é elogiar esses trechos como se estivesse entregando um prêmio” (2016, p. 24), mas sim “ilustrar (...) o hábito de debruçar-se sobre bons exemplos (...), refletindo sobre o que os torna bons” (2016, p. 24).

Há, todavia, em meu sentir, alguma indefinição por parte de Pinker no que toca aos objetivos do capítulo. Em um tempo, declara que fornecerá um vislumbre de como os escritores aplicam a engenharia reversa aos seus textos; em outro, diz que irá ilustrar o hábito de apreciar bons textos. A meu ver, ele se dedica mesmo à segunda atividade, ou seja, debruça-se sobre os textos que selecionou para expor as razões que o levaram a gostar deles, provavelmente com a intenção de ensinar a nós, leitores distraídos e escritores neófitos, as qualidades e truques dos escritores calejados e capazes e as características da escrita virtuosa.

Começa Pinker pelas linhas iniciais do livro *Unweaving the Rainbow*, de Richard Dawkins. O trecho selecionado fala da morte, mas não de uma forma comum, “não como um clichê” (2016, p. 25). No trecho, Dawkins argumenta que, se vamos morrer, é porque nascemos, e se nascemos, é porque fomos “premiados pela sorte” (2016, p. 25), já que, “por hipótese, as pessoas que poderiam estar aqui (...), mas que de fato nunca verão a luz do dia, ultrapassam os grãos de areia da Arábia” (2016, p. 25). Pinker observa que o texto de Dawkins começa forte, e que isso é natural aos bons textos: “uma boa escrita começa forte (...), com uma observação rica em conteúdo, que provoca curiosidade” (2016, p. 25). A força, no caso, reside na apresentação inicial e inopinada de uma ideia paradoxal, - a de que algo temido, a morte -, nos faz premiados pela sorte. Em continuação, Pinker ressalta que a métrica da sentença acentua a aspereza do paradoxo: “palavras breves e simples, um monossílabo acentuado seguido por

⁵ Os autores e livros selecionados são os seguintes: (a) Dawkins, Richard. *Unweaving the Rainbow* (Destecendo o arco-íris); (b) Goldstein, Rebecca Newberger. *Betraying Spinoza*; (c) Fox, Margalit. *Obtuários modificados*; e (d) Wilkerson, Isabel. *The Warmth of Other Suns* (o calor de outros sóis).

seis pés iâmbicos”⁶ (2016, p. 26). Seguem comentários sobre outros truques redacionais cuja compreensão depende do conhecimento não tão superficial da língua e cultura inglesas. É o caso da substituição dos adjetivos “sem cor” (2016, p. 26) *massive* ou *enormous*, pela expressão *The sand grains of Arabia* (2016, p. 26) e do uso do sintagma *sand grains (of Arabia)* ao invés de simplesmente *sands (of Arabia)*. *Pinker* destaca (2016, p. 26) ainda, entre outras, as técnicas de Dawkins de misturar uma noção sobrenatural com uma possibilidade estatística, – ao se referir a gênios não nascidos (“fantasmas não nascidos”) –, e a de traçar paralelo entre esses gênios potenciais e os efetivamente existentes (“Poetas maiores do que Keats, cientistas maiores do que Newton”).

Em sequência, *Pinker* examina um trecho do livro “Betraying Spinoza”, de autoria de sua esposa, Rebeca Newberger Goldstein. Comparando a prosa da Goldstein com a de Dawkins, *Pinker* afirma que ambos analisam “o vertiginoso enigma da existência e da morte” (2016, p. 28), todavia, sob estilos muito diferentes: enquanto “Dawkins bem poderia ser chamado de masculino, com sua abertura-confrontação, suas observações frias” (2016, p. 28), Goldstein faz uma abertura “pessoal, evocativa, reflexiva” (2016, p. 28)⁷. O livro- tradução traz o texto original de Goldstein, mas a compreensão exata de alguns comentários de *Pinker* fica prejudicada, tanto mais porque pautados na gramática inglesa. É o caso do uso de determinadas categorias gramaticais para refletirem “(...) peças de construção do pensamento – o tempo, o espaço, a causalidade, a matérias” (2016, p. 28). Um dos exemplos de *Pinker* nessa linha foi o emprego, por Goldstein, de um advérbio (*unproblematically*) modificando o verbo *continue*, “elíptico para *continue to be*”. A técnica da esposa, no entender de *Pinker*, é capaz de “despertar os leitores para enigmas filosóficos” (2016, p. 28), porque, afinal, “Ser ou não ser – é difícil ver ‘tons de cinza’ ali” (2016, p. 28)⁸.

⁶ Esse ritmo só é acessível ao leitor do original em inglês. A tradução de Dawkins, em “Guia de Escrita”, não permite senti-lo. No texto original de Dawkins, temos: “We are going to die, and that makes us the lucky one”. A tradução de Rodolfo Ilari do mesmo texto é a seguinte: “Vamos morrer, e isso faz de nós os premiados pela sorte”.

⁷ A tradução de Ilari para o texto em questão é a seguinte. “O que é que faz uma pessoa ser exatamente o que é, ela e não outra, uma integridade de identidade que se mantém ao longo do tempo, sofrendo mudanças, mas ainda assim continuando a ser – até não continuar mais, pelo menos não sem problemas?” (2016, p. 27)

⁸ A dificuldade aventada por *Pinker* não está presente no Português, a nosso ver, pois nele os advérbios aparecem modificando os verbos “ser” e “estar” com naturalidade, sem controvérsias ou admirações. Não

Bem mais acessível é o pensamento de Pinker de que “a boa escrita se compreende com o olho da mente” (2016, p. 29). O ponto do texto traduzido de Goldstein usado como ilustração é o que descreve o desajuste entre o tamanho e a forma da boca da escritora ainda criança e os da melancia que ela está prestes a ingerir (2016, p. 27).

Olho fixamente para a foto de uma criancinha num piquenique de verão, agarrando a mão da irmã mais velha com uma de suas mãozinhas, enquanto a outra segura precariamente uma enorme fatia de melancia, que ela parece ter lutado para que se acertasse com o pequeno “o” de sua boca. Essa criança sou eu.

No entender de Pinker, o leitor deve compreender o texto acima com “olho da mente” (2016, p. 29): há uma menina graciosa às voltas com um “objeto de tamanho adulto” (2016, p. 29), a melancia, mas a menina é graciosa não porque a autora assim o disse. A qualidade resulta, isto sim, da imagem mental evocada pela descrição do ato de comer em termos geométricos, da desproporção entre a melancia e a boca da criança e da presumível dificuldade infantil em manipular uma fatia usualmente grande de uma fruta enorme.

Após, há comentários sobre a justaposição feita por Goldstein de nomes e pronomes de primeira e terceira pessoas para confundir a pessoa do discurso (ela, a criança que sou eu, ou eu, o adulto que sou ela?). Todavia, o ponto mais arrebatador da análise de Pinker diz respeito ao modo como a escritora abordou o chamado “difícil problema da consciência” (2016, p. 30), ou seja, o problema de conciliar a certeza da morte com a dificuldade em aceitar a ausência definitiva de pessoa que teima em estar presente em nossos sentimentos e memória. Pinker destaca que Goldstein, após interromper bruscamente, com a ideia da morte, duas dúzias de sentenças que misturam saudades e abstrações, entrelaça o pessoal com a filosofia para, com sucesso, “nos ajudar, a entender os problemas de que tratou Spinoza em seus escritos” (2016, p. 30).

Passa, a seguir, a examinar textos da jornalista e linguista Margalit Fox, a qual, segundo ele, “com certo cinismo, propensão para a excentricidade e uso hábil do léxico do inglês, (...) aperfeiçoou a arte do obituário” (2016, p. 32).

me soariam estranhas ou admiráveis, por exemplo, construções do tipo: “presumivelmente estou pouco à vontade para continuar a ser eu mesmo”.

Refere-se a três obituários. Relativamente ao primeiro, Pinker destaca a habilidade de Fox em descrever um assunto complexo, – no caso, uma vida inteira, a de Maurice Sendak -, em poucas linhas. Diz que isso foi possível porque a jornalista sabe escolher cuidadosamente as palavras e embalá-las em frases legíveis. Quanto ao segundo, atinente à morte de Pauline Philips, “conselheira de milhões” (2016, p. 31), Pinker ressalta a ousada técnica de Fox em expor, antes do texto dela e de entremeio a esse texto, consultas feitas à *Cara Abby* (pseudônimo de Pauline Philips) e os conselhos decorrentes⁹. Segundo Pinker, um escritor menor que Fox poderia anunciar um exemplo de obituário escrito por Philips, todavia preferiu Fox interromper sem aviso a sua narrativa, deixando ao leitor o trabalho de interpretá-la ao ler a voz do consultante e a da consultada. E isso porque, consoante Pinker, “um escritor, assim como um cineasta, manipula a perspectiva de quem acompanha uma história em andamento com os recursos verbais equivalentes a ângulos de câmera e cortes repentinos” (2016, p. 33). Ademais, o bom proseador faz uso deliberado “de marcações surpreendentes – dois pontos, barras, citações em destaque num box” (2016, p. 33).

Seguem algumas opiniões de Pinker sobre técnicas usadas nos obituários por Fox, todas de efeito contrário às previsões existentes nos manuais de estilo. Uma delas: uso de aliterações e métrica agradável (“The marital, the medical and sometimes both at once” - 2016, p. 33), dando vida e poesia à prosa. Outra: emprego de adjetivos, advérbios e palavras incomuns (“Hauntingly, tart-tongued, flinty, weepy ...” - 2016, p. 34), com habilidade e parcimônia, para causar surpresa ao leitor e conferir energia ao texto. Uma terceira: utilização de palavras não só adequadas à ideia a ser expressa, “mas também que ecoam em seu som e articulação um fenômeno chamado fonostética, o sentimento do som” (2016, p. 34). Pinker explica o fenômeno da fonostética por meio da análise dos sons de quatro palavras da língua inglesa: “haunting”, “tart”, “voluptuous” e “titillating”. O equivalente da língua portuguesa à palavra “voluptuous”, – voluptuosos –, pela

⁹ As respostas da “Cara Abby” às duas consultas inseridas no texto da Fox são realmente inspiradas e hilárias. Segue um conjunto pergunta-resposta, para apreciação. “Cara Abby: Nosso filho casou-se com uma garota quando estava no serviço militar. Eles se casaram em fevereiro, e ela deu à luz a uma menina de 3,8 Kg em agosto. Ela diz que a menina era prematura. É possível um bebê de 3,8 Kg ser tão prematuro? – a interessada em saber. Cara Interessada: A criança chegou na hora. O casamento foi tarde. Esqueça.” (2016, p. 31)

origem comum às duas línguas, se presta a entender a explicação. “Voluptuoso tem um aperta-e-afrouxa voluptuoso entre os lábios e a língua” (2016, p. 34).

O último texto abordado por Pinker é de autoria de Isabel Wilkerson e faz parte do livro “The Warmth of Other Suns”, o qual conta a história da “Grande Migração”. A “Grande Migração” foi “o deslocamento de milhões de afro-americanos do extremo sul para as cidades do norte” (2016, p. 37), ocorrido nos Estados Unidos a partir do início do século XX. Pinker elogia a forma de Wilkerson explicar o que foi esse fenômeno: ela não o fez em termos de forças ou pressões sociais, mas sim como resultado “dos feitos de milhões de homens e mulheres que agem a partir de suas crenças em busca de seus desejos” (2016, p. 37). A fuga aos clichês e às abstrações e a dimensão humana conferida ao fenômeno da migração são duas das características de Wilkerson valorizadas por Pinker. Os elogios alcançam a forma como a autora refere-se ao tempo. “From the early years of the twentieth century to well past its middle age (Desde os primeiros anos do século XX até bem depois de o século ficar adulto)” (2016, p. 38): então, o tempo, - (até ele) -, é descrito por Wilkerson de uma forma inusual. O tempo é uma pessoa; “o século é uma pessoa que envelhece” (2016, p. 38). Segue Pinker dizendo que Wilkerson evita os chavões também ao referir-se às pessoas. Ao evitar chavões e referenciar pessoas comuns de uma forma incomum, Wilkerson revela os motivos que as levaram à migração. Os migrantes eram “datilógrafas que queriam trabalhar num escritório” (2016, p. 38), eram aprendizes de jardineiros com medo de serem deixados “pendendo em um carvalho” (2016, p. 38) no caso de cometerem um único gesto mal interpretado perto da mulher do fazendeiro. Nada de “queda de oportunidades econômicas” (2016, p. 38). “Nada de ‘opressão’, de ‘ameaça de violência’, nem mesmo ‘linchamento’” (2016, p. 38).

Três pontos a mais, valorizados por Pinker, não poderão deixar de merecer destaque. Um deles é a própria iniciativa de Wilkerson de contar a história da “Grande Migração”. Isso porque o fenômeno, entre tantas consequências, “pôs em marcha o movimento dos direitos civis” (2016, p. 37) nos Estados Unidos e “redesenhou a paisagem urbana, reescreveu a agenda da política e da educação americanas e transformou a cultura americana” (2016, p. 37). O segundo é o fato de a “Grande Migração” ter sido incluída por Wilkerson

numa lista de movimentos populacionais decorrentes de fenômenos não expressamente mencionados, mas claramente sugeridos, e dos quais os leitores da escritora certamente descendem. Esses leitores ficam, então, “implicitamente convidados” (2016, p. 39) a aplicar aos migrantes do século XX o respeito à coragem e ao sacrifício sentido por seus ancestrais. Finalmente, o elogio ao desfecho em uma palavra, abrupto e contrário às regras impingidas aos estudantes pelos manuais de redação. “Partiram” (2016, p. 39). E a observação final e consequente de que “um bom escrito termina forte” (2016, p. 39).

Depois de comentar os quatro trechos selecionados, Pinker faz um resumo do que viu neles e em seus autores (2016, p. 39).

Os autores dos quatro trechos compartilham certo número de práticas: a preferência por palavras com frescor e imagens concretas a palavreados banais e sínteses abstratas; atenção ao ponto de vista do leitor e foco de seu olhar; inserção de palavra incomum, tendo por pano de fundo substantivos e verbos simples; uso de sintaxe paralelística; uma surpresa ocasional planejada; a apresentação de um detalhe revelador que dispensa uma afirmação explícita; o uso da métrica e do som, em harmonia com o sentido e o espírito.

b) Tentando alguma prosa ao sopro de Pinker

Já foi dito que não é objetivo do trabalho apenas resenhar o livro de Pinker. Tenho-o como base, mas a intenção maior é tentar entender a serventia da obra enquanto um “guia de escrita”. No capítulo em exame, Pinker dedicou-se a fazer considerações mais de cunho literário do que gramatical a respeito da boa escrita. Vou tentar dizer um pouco das lições recebidas tomando como exemplo trechos de autores modernistas, três brasileiros, - Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos -, e um irlandês, James Joyce. O autor estrangeiro será examinado nas versões de dois tradutores, Galindo e Houaiss, com o objetivo de comparar uma com a outra.

Começo por Mário de Andrade, em *Poesias Completas* (2016, p. 76).

*Canto da minha maneira. Que me importa si me não entendem?
Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência.
Com o vário alaúde que construi, me parto por essa selva
selvagem da cidade. Como o homem primitivo cantarei a princípio*

só. Mas canto é agente simpático: faz renascer na alma de um outro predisposto ou apenas sinceramente curioso e livre, o mesmo estado lírico provocado em nós por alegrias, sofrimentos, ideais. Sempre hei-de achar também algum, alguma que se embalarão à cadência libertária dos meus versos. Nesse momento: novo Anfião moreno e caixa-d'óculos, farei que as próprias pedras se reunam em muralhas à magia do meu cantar. E dentro dessas muralhas esconderemos nossa tribo.

“Uma boa prosa começa forte”, diz Pinker (2016, p. 25). E é assim que Mário de Andrade inicia a prosa dele, pois nada é mais forte a um Modernista do que manter a individualidade e a independência de sua arte, sobretudo em um tempo ainda tolhido pelos recalques parnasianos. Brado de liberdade, “canto da minha maneira”, mas não desejo egoístico de isolamento; ao invés, voz esperançosa de que, inicialmente solitária, haveria de conquistar o coração de outras pessoas, porque “canto é agente simpático”. E porque é simpático, o canto individual e independente se tornará, paradoxalmente, agente de congregação e liberdade. O poeta se transformará em “Anfião moreno”, em genial alusão ao Anfião grego, e branco, filho de Zeus e Antíope, que construiu as muralhas de Tebas ao toque de sua lira. Mário de Andrade, com seu canto, construirá as muralhas que abrigarão nossa tribo.

Não há clichês na escrita de Mário de Andrade. Há inovações lexicais, - como o característico “si” do modernista, ao invés de “se”: a aglutinação dos vocábulos “de um” em “dum”, - duas formas ainda não totalmente aceitas pelo português padrão -, além de pelo menos uma inovação lexical-semântica, “caixa-d'óculos”, obviamente caixa de óculos, de significado aberto ou mesmo enigmático, no contexto, usada a meu ver como recurso rítmico. Há ainda a separação precoce, talvez profética, dos gêneros masculino e feminino, - “(...) hei-de achar também algum, alguma que se embalarão (...)” -, e o tom coloquial obtido pelo uso de sentenças interrogativas e explicativas curtas e diretas. O ritmo, às vezes solene, é marcado ao final por aliterações pautadas no “r”: “farei com que as próprias pedras se reúnam em muralhas”.

Passo agora a um texto de João Guimarães Rosa, no conto Traços Bibliográficos de Lalino Salâthiel ou a Volta do Marido Pródigo, in Sagarana (1968, p. 69).

Nove horas e trinta. Um cincerro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção. Patas em marcha matemática,

andar consciente e macio, ele chega, de sobremão. Pára, no lugar justo onde tem de parar, e fecha imediatamente os olhos.

Aqui Rosa empresta ares humanos a um burrinho à semelhança do que fez Wilkerson com o tempo¹⁰. O burrinho carrega uma sineta; segundo Rosa, um “cincerro”. A sineta soa à chegada do burrinho, diz Guimarães que ela “tilinta”. As palavras são do vernáculo, mas inusuais no meio urbano, e até no rural. Rosa é mestre no emprego de termos pouco lembrados, mas nem por isso, inventados. “Um escritor habilidoso pode avivar e às vezes energizar sua prosa mediante a inserção judiciosa de uma palavra surpreendente”, assevera Pinker (2016, p.34). Rosa faz isso sem parcimônia, mas com naturalidade. Emprega “palavras com frescor”. No trecho em destaque, o burrinho é contemplado com qualidades dos homens disciplinados: as patas em “marcha matemática”, o “andar consciente”, a chegada “de sobremão”. Então, não só as palavras surpreendem, mas expressões inteiras.

Graciliano Ramos é autor escolhido por tratar em seu romance “Vidas Secas” de tema idêntico ao de que cuidou Wilkerson: a migração, a fuga, as dificuldades e os desencantos de gentes humilhadas e destituídas de importância e de humanidade pela ordem social. A dessemelhança entre os textos reside no fato de que Wilkerson trata da migração enquanto fenômeno resultante do feito de milhões de pessoas, enquanto “Vidas Secas” assenta-se nas ações, vicissitudes e pequenas alegrias de uma única família de retirantes. Os protagonistas do romance: o marido Fabiano, a esposa Sinhá Vitória, o filho mais velho sem nome e sem voz, o filho mais novo sem voz e sem nome e a cachorra Baleia. O trecho abaixo faz parte do capítulo XIII – Fuga (2016, p. 65).

A VIDA na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar

¹⁰ Rosa humaniza o burro pelo menos mais em “O burrinho pedrês”, no mesmo livro “Sagarana”.

aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

O estilo de Ramos tem em comum com o de Wilkerson, pelo menos na parte comentada por Pinker, o fato de que em ambos a cena é centrada na realidade humana dos personagens. Não há questionamentos sociais e políticos, nem abstrações que desloquem a existência humana de sua ambiência na caatinga. A prosa de Ramos é reveladora tanto dos efeitos da seca, quanto das condições sociais aviltantes da dignidade do homem do sertão. Correlatamente ao texto de Wilkerson, onde há uma mulher pouco preparada que sonha em ser datilógrafa para sair dos campos de algodão, há em Ramos um Fabiano convencido de que precisava ir embora, pois “não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada”. Claro ao leitor que essa dívida impagável é fruto do fornecimento à família de Fabiano, pelo patrão, de gêneros de primeira necessidade a preços exagerados. A somar-se, há o fato de que, diante da realidade da seca, só restava à família “jogar-se ao mundo, como negro fugido”. Aqui, as condições de vida da família de Fabiano, supostamente livre, são equiparadas as de um escravo decididamente escravo. Os textos de Ramos e de Wilkerson são próximos também pelas consequências dos dramas a que se referem. A “Grande Migração”, segundo Pinker, deu origem a mudanças positivas na sociedade americana; o êxodo do sertão nordestino também o fez. Aqui, a partir da mão-de-obra barata disponibilizada pelo êxodo rural, construiu-se a indústria brasileira e uma nova capital.

Vou-me agora ao livro *Ulysses*, de Joyce, e a duas traduções ao Português: a de Galindo e a Houaiss.

Joyce escreveu o seguinte (2019, p. 49)

Like him was I, these sloping shoulders, this gracelessness. My childhood bends beside me. Too far for me to lay a hand there once or lightly. Mine is far and his secret as our eyes. Secrets, silent, stony sit in the dark palaces of both our hearts: secrets weary of their tyranny: tyrants, willing to be dethroned.

A partir de Joyce, Galindo produziu o seguinte texto (2012, p. 40)

Como ele era eu, esses ombros caídos, essa falta de graça. Minha infância se curva a meu lado. Longe demais para que possa pôr-lhe a mão uma vez ou levemente. A minha está distante e a dele secreta demais como os nossos olhos. Segredos, sílices,

silentes, repousam nos palácios escuros de ambos nossos corações: segredos exaustos de sua tirania: tiranos desejosos de se verem destronados (2016, p. 257/258)

Já de Houaiss veio à luz o seguinte (1983, p. 38).

Tal qual ele era eu, esses ombros caídos, essa desgraciosidade. Minha infância aconchega-se ao meu lado, Muito longe para eu pousar nela a mão uma vez ou de leve. A minha é distante e a dele é secreta, como nossos olhos. Segredos, silentes, pétreos, moram nos palácios sombrios dos corações de ambos nós dois: segredos exaustos de sua tirania; tiranos desejosos de serem destronados.

Tanto quanto o texto de Goldstein, o de Joyce tem abertura pessoal, evocativa. E, tal como em Goldstein, o tempo é a instância principal do pensamento. Há um jovem de ombros caídos, com o qual um velho professor se identifica. As infâncias do velho e do jovem, abertamente diferenciadas, - a do velho está distante dele; a do jovem “secreta demais como os nossos olhos” -, estão ao mesmo tempo fundidas por segredos que “repousam (ou moram) nos palácios escuros (ou sombrios)”. Aqui, uma aliteração presente no original de Joyce (“Secrets, silent, stony sit in the dark palaces ...”) é quase integralmente mantida na tradução de Galindo (“Segredos, sílices, silentes ...”), mas desfigurada por Houaiss em prol de uma literalidade a meu ver desnecessária e desarmoniosa (“Segredos, silentes, pétreos ...”). Notável, também, o fato de Houaiss ter desconsiderado o “sentimento do som”, o fenômeno da fonoestática, ao traduzir “gracelessness” como desgraciosidade, palavra esta inexistente no próprio dicionário Houaiss¹¹ e que evoca “desgraça” ou “infortúnio” e não “falta de graça”. Mais uma vez, aqui, Galindo pareceu-me superar Houaiss na tradução de Joyce.

“A boa escrita se compreende com o olho da mente”, diz Pinker (2016, p. 31), e é esse olho que deve ver o porquê de o velho que fora jovem de ombros caídos e o jovem que ainda é jovem de ombros caídos carregarem em seus corações “segredos exaustos de sua tirania”. É também esse olho que vivenciará o sentimento de que os tiranos estão “desejosos de se verem destronados”.

Outro trecho de Ulysses cobre de lirismo a imagem de luzes que, vindas do Sol, iluminam os ombros de um velho tísico. Essas linhas de prosa

¹¹ Dicionário eletrônico, acessível em <https://www.dicio.com.br/houaiss/>

poética dão fecho a uma anedota sobre judeus. Na anedota, - politicamente incorreta, como é toda anedota -, o velho senhor Dayse explicou a Stephen entre tosses e catarros que os judeus nunca foram expulsos da Irlanda, porque a Irlanda nunca os deixou entrar. Reparei no elogio a Dayse, no texto, circunscrito aos seus “sábios ombros” (melhor talvez “sensatos?”), e na imagem das luzes, – “moedas dançantes” –, na tradução de Galindo, produzidas pelo sol ao passar pela folhagem inquieta de um vegetal, provavelmente uma árvore. Tudo é dito em menos de duas linhas.

James Joyce (2016, p. 64)

*On his wise shoulders through the checkerwork of leaves the sun
flung spangles, dancing coins.*

Galindo (2019, 279)

*Sobre seus sábios ombros por entre o xadrez das folhas o sol
lançava lentes, moedas dançantes. (2016, p. 279)*

Houaiss (1983, p. 47)

*Por sobre seus sábios ombros através da marchetaria das folhas
o sol arremessava lantejoulas, dançarinas moedas.*

No texto, a arte de Joyce em manipular imagens alcança patamar elevado. Em duas linhas, as imagens da luz do sol sobre os ombros de um velho sábio ou sensato, a filtragem parcial da luz solar pela folhagem e a presença de brisa balançando o vegetal dono das folhas compõem um ambiente calmo, um enredo tranquilo, como se fora engenho de um cineasta a mostrar sua arte com a câmera. Joyce faz uso de imagens concretas. E fica assim demonstrado que, como diz Pinker (2016, p. 33)

*Um escritor, assim como um cineasta, manipula a perspectiva de
quem acompanha uma história em andamento, com os recursos
verbais equivalentes a ângulos de câmera e cortes repentinos.*

Novamente Galindo supera Houaiss na tradução de Joyce. Ainda que se possa ficar indiferente entre as expressões “xadrez das folhas” (Galindo) e “marchetaria das folhas” (Houaiss), afigura-me evidente que, em prol da leveza e do significado do texto, é melhor atribuir ao sol o ato de “lançar lentes” do que o de “arremessar lantejoulas”. Literalmente “spangles” podem ser “lantejoulas”, todavia “lentes” são objetos mais afeitos à ideia de luz e de transparência. Ademais, a passividade do sol na imagem literária é mais consentânea com o

verbo “lançar” do que com o verbo “arremessar”. Por fim, “dancing coins” não são “dançarinas moedas”, como quis Houaiss, e sim “moedas dançantes”, como traduziu Galindo. Com salientou Pinker, o bom escritor deve escolher cuidadosamente as palavras e embalá-las em frases legíveis. O bom tradutor também.

3. A REDE, A ÁRVORE E A SEQUÊNCIA

As lições de Pinker serão divididas em tópicos, como segue.

a) A pessoa letrada precisa saber pensar a gramática

Pinker diz escutar com frequência as seguintes explicações para a “péssima maneira de escrever que prevalece hoje em dia” (2016, p. 103): (1) as crianças não são ensinadas a estruturar sentenças e, (2) a internet está estragando a língua.

Por discordar dessas assertivas maledicentes e, talvez, por ironia, Pinker recorda certa notação gramatical publicada por Alonzo Reed e Brainerd Kellogg, em 1887, e ensinada nas escolas americanas até os anos de 1960. Naquela notação, nos dizeres de Pinker, “as palavras de uma sentença são colocadas ao longo de uma espécie de mapa de metrô, no qual interseções (...) representam relações gramaticais”¹² diversas. Pinker diz que a notação de Reed-Kellogg foi “inovadora em seu tempo” (2016, p. 104), mas que ele particularmente não sente falta dela (2016, p. 104). Comenta-a, talvez, em resposta a algum saudosismo escolar e, certamente, para dizer o que vê de bom na ideia principal que está por trás desse saudosismo: “as pessoas letradas precisam saber como pensar a gramática” (2016, p. 104).

E por que as pessoas letradas precisam pensar a gramática? Pinker alinha três razões.

¹² A notação está exemplificada em Pinker com base na sentença: “In Sophocles play, Oedipus married his mother”. Ilari explica que traduziu “married” por “casou-se” e que, por isso, ficou obrigado a proceder a certo arranjo na notação que “pode desagradar alguns”. A apresentação e discussão desse exemplo não vêm aos propósitos deste trabalho.

- 1) “O domínio inconsciente da linguagem (...) não é suficiente para escrevermos boas sentenças” (2016, p. 104).

Segundo Pinker, embora esse domínio inconsciente permita estruturar sentenças simples e corriqueiras, às vezes ele é insuficiente para identificar equívocos em sentenças complexas. Sustenta que a gramática ajuda o escritor a seguir uma trilha racional capaz de permitir-lhe identificar problemas em sua escrita.

- 2) A gramática “dá ao escritor acesso ao mundo das letras” (2016, p. 104).

Pinker lembra que todos os profissionais (químico, médico, jogador de futebol, cozinheiro) precisam conhecer a nomenclatura, os termos, os jargões de sua ciência para compartilhar seus conhecimentos e aprender com os outros. Os escritores, profissionais ou não, só tem a ganhar em saber “os nomes dos materiais com que trabalham e como funcionam” (2016, p. 104).

- 3) “A gramática é assunto fascinante em si mesmo, pelo menos quando explicada adequadamente” (2016, p. 104).

Aqui, Pinker procura transferir ao leitor a “fascinação” que sente pelo assunto de que cuida em seu livro. Começa por reconhecer que, para muitas pessoas, a palavra gramática evoca lembranças desagradáveis, “de sufocamento por pó de giz e tentativas de escapar da palmatória de uma professora solteirona” (2016, p. 104). Todavia, sustenta, a gramática não deveria ser encarada desta forma, mas como uma extraordinária “solução dada por nossa espécie ao problema de transferir pensamentos complicados de uma cabeça para outra” (2016, p. 105). E mais: que as características da gramática, se adequadamente entendidas, podem ser aplicadas à escrita “com maior clareza, correção e elegância” (2016, p. 105).

b) Por que o título “a rede, a árvore e a sequência”?

Após expor suas razões em prol da utilidade da gramática e do seu gosto por ela, Pinker esclarece o porquê do nome que deu a este capítulo do seu livro (2016, p. 105).

Os três substantivos no título deste capítulo referem-se a três coisas que a gramática combina entre si: a rede de ideias em nossa cabeça, a sequência de palavras que sai de nossas bocas e dedos e a árvore sintática que converte a primeira na segunda.

No entender de Pinker, o “pensamento” dos humanos navega à deriva no mar das ideias que habitam os cérebros deles¹³. Pinker considera “ideia” tudo o que passa pela cabeça humana: imagens, fragmentos melódicos, fatos, rancores, fantasias, momentos etc. Segundo Pinker, essas ideias, essas memórias, foram modeladas pelos “cientistas da cognição” como uma rede de nós “muito antes da invenção da www (world wide web)” (2016, p. 105). Então, a memória humana é uma rede de nós onde cada nó é um conceito e cada conceito “é ligado a outros nós que representam palavras, imagens e outros conceitos” (2016, p. 105).

Para ilustrar seu raciocínio, Pinker recorre à tragédia “Édipo Rei”, de Sófocles. Explica que a “rede” de ideias relacionada com essa peça são os conceitos, imagens, palavras que a peça nos trás à lembrança (2016, p.e., Sófocles, Laio, pai, mãe, esposa, incesto, matar, Freud ...), os quais, por força de disparos neurais aleatórios, “fazem pipocar na mente uma ideia inesperada” (2016, p. 106). Os conceitos, imagens, são os nós da rede. De qualquer nó, de qualquer ponto da rede, é possível fazer conexões para gerar algum pensamento.

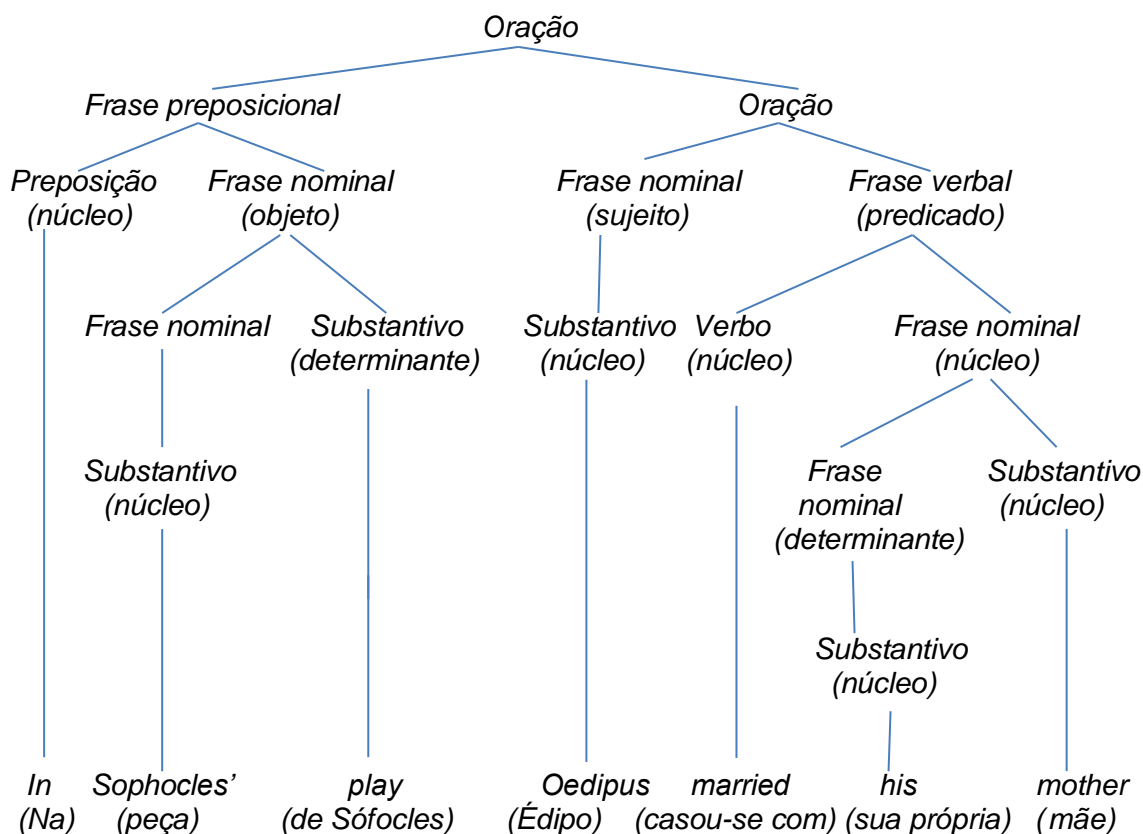
Mas, e se quisermos “compartilhar alguns desses pensamentos” (2016, p. 106)? Essa é a questão usada por Pinker para nos remeter à língua. Ele adverte que nós **não** somos “extraterrestres avançadíssimos (...) capazes de comprimir uma porção dessa rede num arquivo de bits compactado e transmiti-lo (...) a outro ser da mesma espécie” (2016, p. 106). Alternativamente, nós associamos a cada ideia “um pequeno segmento sonoro chamado palavra” (2016, p.106). Todavia, para expressarmos um pensamento, não basta “deixar escapar palavras isoladas” (2016, p. 106). Pinker explica que as palavras precisam ser enunciadas numa ordem que sinalize as relações que existem entre elas e a que isso é chamado **sintaxe**.

Então, uma vez expressas, as ideias (palavras), concatenadas através da sintaxe, chegam aos ouvidos ou aos olhos de outro humano, o qual,

¹³ Refere-se, no caso, ao pensamento dos humanos que estão distraídos e que não estão fazendo uso de palavras.

presumivelmente, associa àqueles sons ou escrita aos mesmos conceitos (ideias) que o emissor queria expressar, “numa ordem de antes e depois em nossas bocas, ou da esquerda para a direita na página” (2016, p. 107), que faça sentido aos falantes de uma determinada língua, ou seja, em uma ordem lógica consonante à sintaxe daquela língua.

Para explicar como funciona a sintaxe, Pinker dispõe as palavras da sentença “In Sophocles’ play Oedipus married his mother” em um gráfico semelhante a uma árvore desenhada de cabeça para baixo, como segue (2016, p. 108).



O esquema acima está elaborado em função da sintaxe da língua inglesa, diferente da do Português. Claro que a sentença em Português abaixo da sentença em Inglês não se ajusta à “árvore” acima, representativa da sentença em Inglês. Melhor dizendo: a “árvore” a ser desenhada para a sentença em Português [Na peça de Sófocles, Édipo casou-se com sua própria mãe] não será igual à que está desenhada para o Inglês. Veja-se, por exemplo, que não há no Português o caso genitivo, como há no inglês (“Sophocles’ play”). Em

Português, diferentemente de no Inglês, a frase [Na¹⁴ peça de Sófocles], por exemplo, é desdobrável em duas: a frase preposicional com o núcleo *em* e a frase nominal [a peça de Sófocles]. Esta última, por sua vez, contém o núcleo *a* (determinante) e outra frase nominal [peça de Sófocles], também desdobrável. Ressalte-se, todavia, que nada disso interessa neste momento, mas sim a demonstração de que as palavras de uma sentença, dispostas nas linhas inferiores (as folhas) se reúnem em frases cada vez mais complexas (galhos e troncos) formando um todo coerente e articulado que se mostra como uma árvore de ponta-cabeça. “Evidentemente, a árvore não passa de uma metáfora” (2016, p. 108), e há outras formas de representar o fenômeno, como “por meio do meio do diagrama de Venn” (2016, p. 108).

Enfim, já posso encerrar este item com a justificativa-resumo de Pinker para o nome do capítulo (2016, p. 108).

A sintaxe, então, é um aplicativo [app] que usa uma árvore de frases para traduzir uma rede de pensamentos numa sequência de palavras.

c) A sintaxe, as frases (e sua organização) e outras noções de gramática, à luz de Pinker e de outros gramáticos e linguistas, estes últimos, quando necessários.

Ainda quando explicava o motivo do título do capítulo, Pinker definiu o que entende como gramática: “As regras da sintaxe, juntamente com as regras de formação de palavras (...), constituem a gramática da língua” (2016, p. 107). Veja-se, então, que, na concepção de Pinker, a ciência da “gramática” não se ocupa da fonética e da semântica.

O conceito pode ser tido como incompleto, talvez polêmico, todavia, isso não tem muita relevância aqui. Não interessa nesta monografia conceituar com precisão o que é gramática, até porque a gramática exposta nos livros de gramática, a gramática tradicional (GT), no entender de Mioto, “não constitui um corpo coeso de conhecimento” e “não dá conta da riqueza da língua, nem mesmo do registro que ela se propõe a descrever” (2016, p. 18). O que faz Mioto, então, é

¹⁴ Lembrando que Na é (Em + a).

considerar Gramática aquilo que assegura a conexão de uma língua natural com a racionalidade humana (2016, p. 18).¹⁵

Pinker é mestre em confeccionar metáforas para explicar seu pensamento sobre a comunicação humana. Sobre as “árvores”, diz que “são aquilo que dá à língua sua capacidade de comunicar as ligações entre as ideias, e não simplesmente jogar as ideias no colo do leitor” (2016, p.116). Ressalta, então, com uma metáfora (“jogar ideias no colo”), a utilidade de vegetais metafóricos (as “árvores”). Em sequência, alerta que tais estruturas (as “árvores”) são dispendiosas à memória, pois exigem do leitor e do escritor esforços para manterem em suas mentes as “ramificações invisíveis” que as constituem. Lembra que é fácil “recair no hábito de tratar a sentença como uma carreirinha de palavras” (2016, p. 116).

A seguir, expõe alguns exemplos de conexões entre ramificações. Começa abordando a concordância entre o sujeito e o verbo. Afirma que praticamente todas as crianças aos três anos de idade sabem a regra de que o verbo concorda com o sujeito. Explica que crianças de língua inglesa (Pinker é americano) sabem que “The bridge is crowded” e que “The bridges are crowded”, mas que essa realidade não impede adultos letrados de incorrerem na digitação de coisas do tipo “The bridge to the islands are crowded”. Por que isso acontece? A resposta de Pinker: porque, à medida que se “engorda” o sujeito, - de modo a ele não vir imediatamente antes do verbo -, mais difícil se torna lembrar a concordância verbo-sujeito definida pela árvore.

Pinker assinala que, além de “engordar” o sujeito, há várias outras maneiras de separar um sujeito de seu verbo. Uma delas é o processo que inspirou Noam Chomsky a propor que “uma árvore subjacente a uma sentença –

¹⁵ Segundo Miotto, “quando falamos, mesmo que não estejamos obedecendo às regras dadas como as únicas possíveis, estamos fazendo uso das regras que são, em última instância, ditadas pela racionalidade humana” (2016, p. 19). Argumenta que um falante do português brasileiro, fazendo uso de sua “gramática internalizada”, mesmo que nunca tenha estudado, sabe perfeitamente quais sentenças são gramaticais (isto é, admitidas) e quais são agramaticais (não admitidas em sua língua). Assim, o falante do Português Brasileiro sabe que as sentenças [‘Cê viu a Maria saindo.] e [Você viu a Maria saindo.] são gramaticais. Sabe também que a sentença [A Maria vai ver ‘cê.] é agramatical, muito embora [A Maria vai ver você.] seja gramatical (2016, p. 19). Segundo Miotto, “O que permite ao falante decidir, então, se uma sentença é gramatical ou não, é o conhecimento que ele tem e que tem o nome técnico de competência. Quando o falante põe em uso a competência para produzir as sentenças que ele fala, o resultado é o que chamamos tecnicamente de performance (ou desempenho)” (p. 21).

sua estrutura profunda – (...) é transformada por uma regra que desloca uma frase para uma nova posição, produzindo (...) a estrutura de superfície” (2016, p. 118). Aqui, Pinker afasta-se por uns momentos de sua prosa acessível e passa a utilizar-se de conceitos mais sofisticados. Alude-se a Chomsky, mais precisamente à aplicação de sua teoria ao processo responsável pela interpretação das sentenças que contém palavras do inglês que começam com as letras WH (who, which, whom, when ...) ¹⁶.

Convém fazer alguns comentários complementares sobre os conceitos “estrutura profunda” e “estrutura superficial”. Mioto e outras (Novo Manual de Sintaxe, p. 27/28) explicam que é possível considerar a sentença como uma sequência de sons, – a ser representada pela sigla PF (Phonetic Form) –, a qual tem um determinado sentido, – a ser representado pela sigla LF (Logical Form). A relação entre o som de uma sentença (PF) e o seu sentido (LF) não é direta, mas mediada pela Estrutura Superficial - SS (Surface Structure). Por sua vez, a estrutura profunda – DS (Deep Structure) determina a interpretação semântica da sentença. Em termos talvez mais acessíveis, Borba, citado por Silva (2017, p. 83), considera que:

a estrutura profunda corresponde ao aspecto interno da linguagem, à sua interpretação semântica, e a estrutura superficial corresponde ao aspecto externo da linguagem, ou seja, a sua interpretação fonética.

Mioto e outras exemplificam os dois níveis de forma análoga a Pinker, mas a partir de sentenças com palavras-QU do português, similares às palavras-WH do inglês. Usam em sua lição as seguintes sentenças:

- (a) O João comprou o quê?
- (b) O que o João comprou?

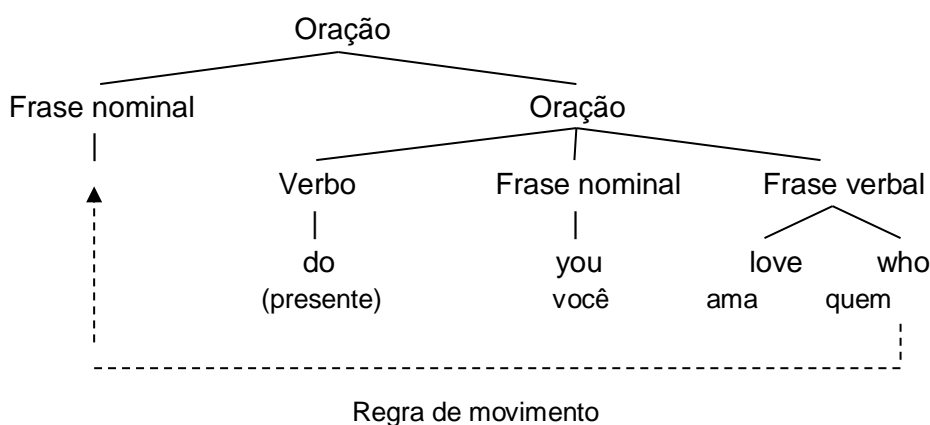
O autor e autoras explicam que, em ambas as sentenças, o que é objeto do verbo comprar. Todavia, na sentença (a), o objeto está colocado no lugar tradicional, após o verbo. Já na segunda (b), o objeto é trasladado para o início, ocupando o lugar usualmente do sujeito. A questão é: como o falante dá conta do fato de que, em ambos os casos, o que em questão é o quê objeto de

¹⁶ Nota de rodapé do tradutor esclarece que, no inglês, as palavras-WH são pronomes e advérbios e que “seus equivalentes em português começam frequentemente pelas letras QU-: que, quem, quando, por que etc.” (p. 118).

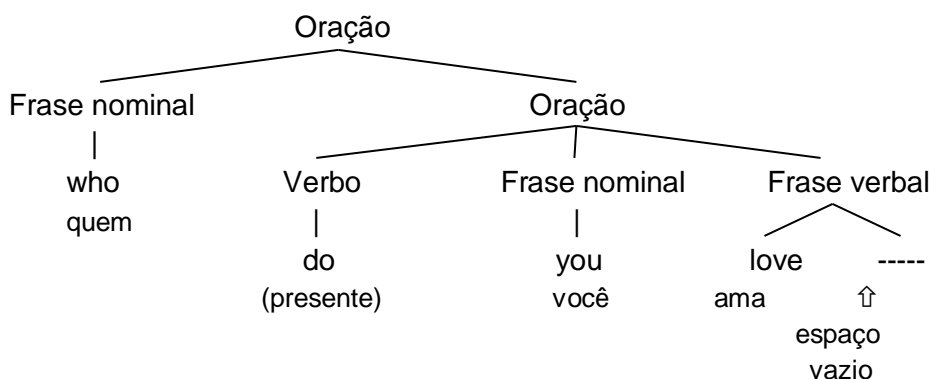
comprar? Postulam os autores que, no nível de representação DS (profundo), o que está à direita do verbo nas duas sentenças; todavia, no nível SS (superficial), a PF tanto pode pronunciar o objeto tanto da forma (a) quanto da forma (b).

Voltando a Pinker: aproveita ao objetivo dele (mostrar os “mistérios” da boa escrita) o fato de o deslocamento do objeto para o início da sentença deixar um lugar vazio no final dela. Oferece como exemplo: “Whom do you love?”, formada pelo transporte do objeto “Whom” para a frente da oração, o que a deixa com um espaço vago no lugar desse complemento verbal. Pinker sugere que, preenchido o espaço, a sentença se tornaria algo como “For which person do you love that person?”, traduzida por Ilari como [Para qual pessoa você ama essa pessoa?]. As árvores da estrutura profunda e da estrutura superficial da sentença foram assim desenhadas por Pinker (2016, p. 119).

Estrutura Profunda



Estrutura Superficial



d) Algumas espécies de cegueira sintáticas

1) Cegueira para os buracos nas orações relativas

De muita utilidade para a boa escrita é notar a existência de “buracos” nas orações relativas. Pinker aborda primeiro os buracos em sentenças pequenas (“The spy who ___ came from the cold’), (“The Woman I love ___”) (2016, p. 119), passando depois para sentenças maiores. Adverte que “uma grande distância entre um preenchedor e um espaço vazio pode ser perigosa tanto para o escritor como para o leitor” (2016, p. 120). Trabalha a partir do seguinte exemplo (2016, p. 120).

The impact, which theories of economics predict ___ are bound to be felt sooner or later, could be enormous.

O exame cuidadoso da sentença, mesmo se feito por um leitor iniciante da língua inglesa, mostra que, colocado em seu lugar, após predict, o preenchedor “the impact” exige que o verbo subsequente seja “is”, e não “are”. Exigência da concordância verbal.

2) Cegueira para as regências

A concordância é vista por Pinker como “uma das tantas maneiras como uma ramificação de árvore pode fazer exigências a respeito daquilo que acontece em outra ramificação” (2016, p. 120). A capacidade de fazer exigências é extensiva a verbos, adjetivos e substantivos.

Pinker trás alguns exemplos de regência de verbos da língua inglesa. Os verbos correspondentes em Português não possuem a mesma regência, de modo que os exemplos dados só fazem sentido na língua do autor. Exemplos de Pinker: em Inglês, diz-se “we make plans”, e não “we do plans”; da mesma forma, em Inglês, é correto falar/escrever “we do reserch”, mas estranho “we make research” (2016, p. 120). Em nota de rodapé, o tradutor Ilari esclarece que o verbo fazer em Português corresponde ora a “to make”, ora a “to do” em Inglês, “dependendo do substantivo que segue, e que, nesta escolha, os próprios falantes do Inglês ficam frequentemente em dúvida” (2016, p. 120). Ressalta, também, que há, no Português, o par de verbos sinônimos assistir/presenciar

com regências diferentes (2016, p. 120), o que causa alguma confusão. Há também verbos no Português que possuem regência flexível, como é o caso do verbo *atender*, usado preferencialmente com preposição, quando seu objeto é uma coisa, e sem preposição, quando o complemento é alguém. O Ministério da Educação, em seu portal, complementou o verbo *atender* sem usar preposição ao referir-se a pedido (portanto, a uma coisa) de dois reitores de universidades federais (2019, portal do MEC).

De acordo com o secretário de Educação Superior do MEC, Arnaldo Lima, a prorrogação do prazo foi realizada para atender o pedido de reitores das universidades federais de São Carlos, Mato Grosso do Sul, de Lavras, Oeste do Pará.

Está certo ou errado tal emprego? A melhor resposta talvez seja: a correção é duvidosa. Alguns gramáticos a teriam como errada, outros seriam mais condescendentes. O corretor do Google a tem como errada. Minha percepção é de que, no mínimo, a regência é inusual e deselegante.

Claramente agramatical, todavia, é o emprego da preposição “de”, ao invés de “por”, para complementar o sintagma [apresentação de sugestões] no exemplo abaixo, também retirado do site do MEC (2019, Portal do MEC).

O secretário do MEC defende o diálogo e a apresentação de sugestões das 63 universidades federais brasileiras.

Decididamente, o MEC errou a regência nominal.

Pinker trás também alguns exemplos de “perda de controle” por parte do escritor, sobre “que exige o quê”, quando frases são rearranjadas e separadas (2016, p. 121); todavia, os exemplos perdem sentido quando traduzidos ao Português, conforme ressalta o tradutor, em notas (2016, p. 121).

3) Cegueira para as bifurcações de uma estrutura de coordenação

A “estrutura de coordenação” é definida por Pinker como “uma frase composta por duas ou mais frases que são ligadas por um conectivo de coordenação” (2016, p. 121). Os exemplos apresentados, – “the land of the free and the home of the brave; paper or plastic –“(2016, p. 121), mostram que sua definição não se aplica somente ao período composto por coordenação de nossa gramática tradicional.

Pinker observa que, numa estrutura de coordenação, “cada uma das frases (...) precisa funcionar por si só nessa posição, como se as outras frases não estivessem presentes, e todas tem que ter a mesma função” (2016, p. 122). Dá exemplos de estruturas do inglês. Vou usar um exemplo doméstico, mais uma vez colhido no site do Ministério da Educação (2005, p. 20).

As informações coletadas vão retratar não só a realidade educacional da população (grau de escolaridade, demanda, sexo, idade, cor, raça, etc.) como também apurar informações socioeconômicas e de saúde no município.

Uma análise ligeira da sentença permite concluir que ela contém duas frases e que a expressão [como também] só pode estar conectando o segmento [as informações coletadas vão] com o segmento [apurar informações socioeconômicas e de saúde no município]. Então, as frases em jogo são as seguintes: [As informações coletadas vão retratar a realidade educacional da população (...)] e [As informações coletadas vão apurar informações socioeconômicas e de saúde do município]. Vê-se, todavia, que, embora a primeira frase faça sentido, a segunda não tem como existir no Português. Há redundância e até impossibilidade fática de se coletar informações que apurem informações socioeconômicas ou de qualquer outra espécie. Então, nas palavras de Pinker, houve perda de “controle de como cada ramificação (...) se harmoniza com o restante da árvore” (2016, p. 122). Por enquanto, vou supor que essa perda foi motivada por dois equívocos: um deles, o de pospor a expressão não só ao verbo retratar, ao invés de antepor a expressão a ele; a outra, o de usar o substantivo informações ao invés de algum outro que dissesse respeito a algo passível de averiguação mediante coleta de informações, como, por exemplo, as **condições** socioeconômicas e de saúde do município. Corrigidos os defeitos, a sentença poderia ficar assim:

As informações coletadas vão **não só** retratar a realidade educacional da população (grau de escolaridade, demanda, sexo, idade, cor, raça, etc.), **como também** apurar as condições socioeconômicas e de saúde no município.

Interessante é que Pinker trás vários exemplos (do Inglês) de perda de controle bastante semelhantes ao colhido no site do Ministério da Educação do

Brasil. Um deles está reproduzido abaixo, juntamente com a versão corrigida, ambos com as traduções de Ilari (2016, p. 123).

Errado

With Mr. Ruto's appearance before the court, a process began that could influence **not only** [the future of Kenya] **but also** [of the much-criticized tribunal].

Com o comparecimento do Sr. Ruto diante da corte, começou um processo que poderia influenciar **não só** [o futuro do Quênia] **mas também** [do mal-faladíssimo tribunal].

Certo

With Mr. Ruto's appearance before the court, a process began that could influence the future **not only** [of Kenya] **but also** [of the much-criticized tribunal].

Com o comparecimento do Sr. Ruto diante da corte, começou um processo que poderia influenciar o futuro **não só** [do Quênia] **mas também** [do mal-faladíssimo tribunal].

A simetria que deve existir entre as frases de uma oração coordenada é conhecida como paralelismo. Pinker explica que as “coordenações só ficam elegantes quando as frases que vêm depois de cada marcador (...) são paralelas” (2016, p. 124). Marcadores, no caso, são as expressões em negrito, e nelas estão presentes os quantificadores “only” e “also”. Examinando a sentença anterior, ele também explica que, nela, a deselegância é causada pela presença de “um objeto direto (the future of Kenya) no primeiro membro de coordenação, que destoa do objeto oblíquo (of the tribunal) presente no segundo membro” (2016, p. 125). A sentença está então desequilibrada. E o que se deve fazer para dar-lhe equilíbrio? A receita de Pinker é “enfocar o segundo membro da coordenação e, em seguida, forçar o primeiro a coincidir com o segundo arrastando seu quantificador para um lugar mais apropriado” (2016, p. 125). Seguindo a receita, o marcador “not only” é arrastado para antes do objeto indireto “of Kenya”, de modo a tornar a primeira frase da coordenação (“With Mr. Ruto's appearance before the court, a process began that could influence not only **the future of Kenya**”) sintaticamente semelhante à segunda (“With Mr. Ruto's appearance before the court, a process began that could influence **the future of the much-criticized tribunal**”). Isso feito, têm-se em ambas objetos diretos complementando o verbo “influence”, o que é correto.

Para a sentença do Ministério da Educação, o procedimento de correção deve ser análogo. Nela, temos um objeto direto (a realidade educacional da população) no primeiro membro da coordenação colidindo com um verbo no infinitivo no segundo (apurar). A solução é trazer a locução correlativa não só para antes da locução verbal vão retratar, de modo a uniformizar a natureza do complemento verbal de ambas as frases conjugadas. Adicionalmente, é necessário substituir o substantivo informações por algo que proporcione gramaticalidade e sentido à segunda oração. Optei pelo sintagma as condições, mas poderia ser usado o complemento o estado, ou o estágio, ou o nível etc.

4) Cegueira para o caso

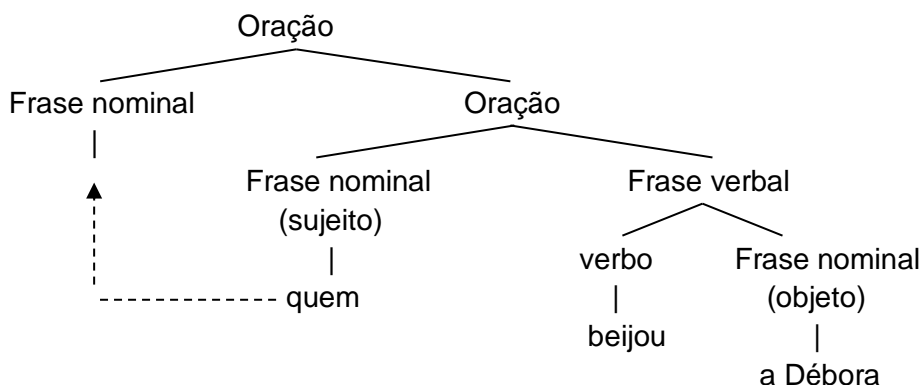
Pinker usa algumas páginas para dizer da “cegueira para as árvores” quando, na sentença, é colocada em jogo a atribuição de caso. Define caso como “a possibilidade de acrescentar a uma frase nominal um adereço que assinala sua função gramatical” (2016, p. 125). Ressalta que, no Inglês, o caso aplica-se principalmente aos pronomes, – no que, aliás, assemelha-se ao Português –, e que, na fala informal, é comum em seu país pessoas dizerem “Me and Julio were down by de schoolyard” (2016, p. 126). No Brasil, é comum a troca de pronomes sujeitos e pronomes objetos, como em sentenças do tipo [Ela deixou o trabalho mais difícil para mim fazer], ou mesmo, em ambientes populares ou em rodas informais, algo como [Venha dançar esse forró com eu!].

Pinker parece interessado em elucidar a questão do emprego do “who” e “whom” no Inglês, apesar das “piadas” feitas a respeito do “whom”¹⁷. Ressalta que “who” é nominativo (como, no Português, eu, você, ele, a gente, vocês, eles) e é usado para sujeitos; whom é acusativo (como, no Português, me, se, o, a, nos, os, as) e é usado para objetos. Os diagramas abaixo permitem apreciar a diferença entre “who” a “whom” mediante a comparação entre as sentenças do Inglês “Who kissed Débora?” e “Whom did Débora kiss?” e as do Português “Quem beijou a Débora?” e “Quem a Débora beijou?”, respectivamente. Os diagramas, análogos aos no livro de Pinker, a palavra-QU do

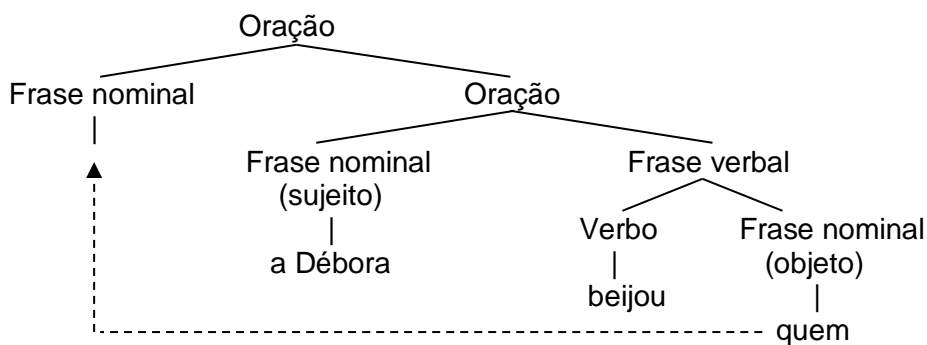
¹⁷ Transcreve a ironia do escritor Calvin Trilling: “As far as I am concerned, whom is a word that was invented to make everyone sound like a butler” (p. 128).

Português equivalente à palavra-WH do inglês, é visualizada em suas posições nas estruturas profundas antes de serem movidas para o início da sentença, deixando o espaço vazio (2016, p. 129).

Quem beijou a Débora? (equivalente a “Who kissed Débora?”)



Quem a Débora beijou? (Equivalente a “Whom did Débora kiss?”)



e) Palavras desnecessárias

Pinker começa assim suas considerações a respeito das consequências do uso de palavras desnecessárias (2016, p. 132).

Toda vez que o escritor acrescenta uma palavra a uma sentença, está impondo ao leitor (...) duas exigências cognitivas: compreender a palavra e encaixá-la na árvore. Essa dupla exigência é uma justificativa fortíssima para esta orientação geral: “omitir as palavras desnecessárias”.

Pinker afirma ser impressionante a quantidade de palavras desnecessárias identificadas por quem se põe (como ele) a fazer essa tarefa. Deu exemplo de uma sentença com 48 palavras que foi reduzida a 20 (2016, p. 133). Diz que vários tipos de palavras “são eternos alvos da tecla deletar” (2016, p. 135), como os verbos fazer, ter, tomar, colocar, usualmente empregados para abrir espaços para um “substantivo zumbi”¹⁸ (2016, p. 135), Condena também o uso de metaconceitos, como “matter, view, subject, process” etc. (p. 135) Dá exemplos de várias expressões em Inglês substituíveis por textos menos dispendiosos; a tradução desses exemplos para o Português revela a mesma vantagem: “for de purpose of/to = com o objetivo de/para; owing to the fact that/because = devido ao fato de que/porque; were in great need of/needed = estavam em grande necessidade de/precisavam” (2016, p. 134).

Mas, assinala Pinker, o corte de palavras desnecessárias pode prejudicar o texto, pois às vezes elas precisam ficar para que o leitor não “parta numa direção errada à medida que navega pela sentença afora” (2016, p. 135). Há também palavras supostamente dispensáveis, todavia necessárias ao ritmo da prosa; outras úteis à “geometria” da sentença (2016, p. 135).

f) As ramificações à esquerda e ao centro

“O Inglês é predominantemente uma língua de ramificações à direita” (2016, p. 138), ressalta Pinker. O Português também o é, embora isso não signifique inexistência ou raridade de ramificações tanto à esquerda, quanto ao centro. Essas ramificações costumam complicar as sentenças, mas isso não significa que elas sejam sempre ruins ou mal vindas. Como regra, todavia, não é errado afirmar o seguinte, a partir dos comentários de Pinker:

- a) sentenças ramificadas à direita são fáceis;
- b) sentenças ramificadas à esquerda podem ser ruins;
- c) sentenças ramificadas ao meio são as piores.

Uma frase movida para antes do sujeito “pode ser útil para qualificar uma sentença, para ligá-la a conteúdos já apresentados ou simplesmente para

¹⁸ Pinker chama de “substantivos zumbis” os derivados de verbos, como aparição, atuação etc.

evitar a monotonia (...) de ramificações à direita” (2016, p. 139). Kato e Mioto alinham as seguintes funções ao que chamam periferia esquerda: (a) função qualificadora desempenhada por constituintes adverbiais (somente, preliminarmente etc.), (b) função discursiva de codificar o tópico ou o foco da sentença, como em [A Maria, o João comprou flores para ela] e (c) função gramatical de possibilitar o encaixe de uma sentença em outra, a exemplo do encaixe de [João comprou o novo Harry Potter] em outra sentença que diz de algo que Pedro fez, como [Pedro disse que o João comprou o novo Harry Potter] (2009, p. 38).

Pinker examina um trecho de um romance de Rebecca Goldstein com vários encaixamentos à direita da frase nominal “A sensação de que a existência é uma coisa tão fantástica”, todos destinados a explicar o motivo desse bem-sentir (2016, p. 136). Os encaixamentos em questão são orações descomplicadas dispostas numa árvore de estrutura plana de ramais “concatenadas lado a lado por meio da conjunção “and” ou por vírgulas” (2016, p. 136).

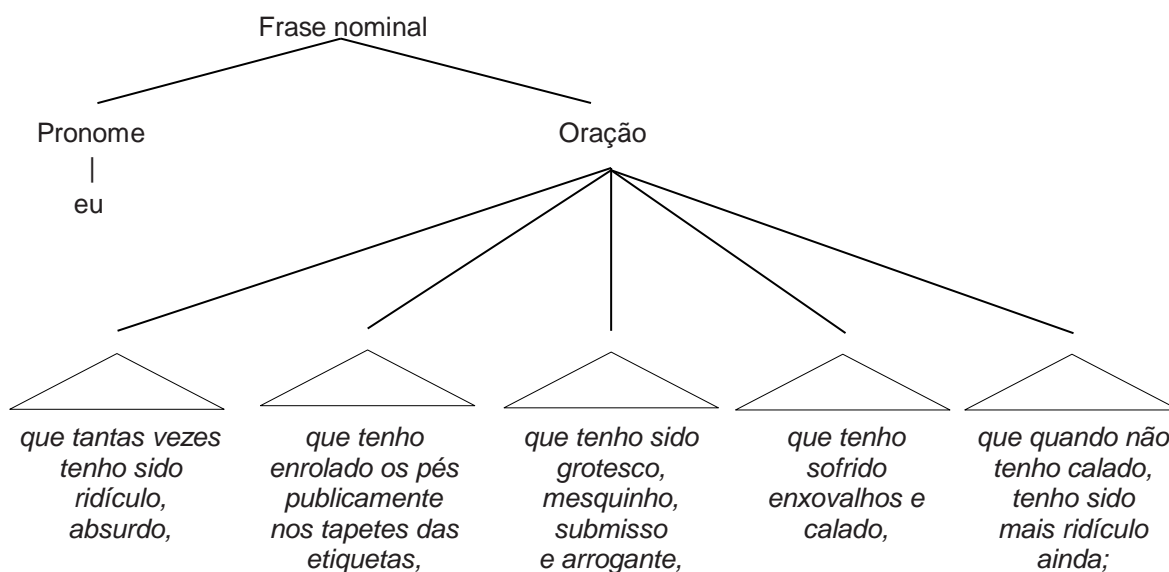
Frases e sentenças simples, concatenadas com vírgulas e pelo pronome que, há na segunda estrofe do “Poema em Linha Reta”, de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa). Diferente do texto de Rebeca Goldstein, o de Álvaro de Campos tem encaixamentos à esquerda da frase verbal “Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo”. Ali, a repetição dos pronomes eu e que, a omissão do verbo de ligação ser e o emprego contumaz do pretérito perfeito composto dão consistência ao texto e ajudam o leitor a entender-lhe o sentido e a usufruir de sua beleza e ritmo. O leitor é conduzido sem esforço ao desfecho da sentença (estrofe), embora ajudado pelos dois versos iniciais, é bem verdade. Abaixo, a reprodução de parte do poema.

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.*

*E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,*

*Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*

Similar à árvore desenhada por Pinker para a sentença do livro de sua esposa (2016, p. 137), o diagrama abaixo representa a estrutura de parte da segunda estrofe do poema de Álvaro de Campos.



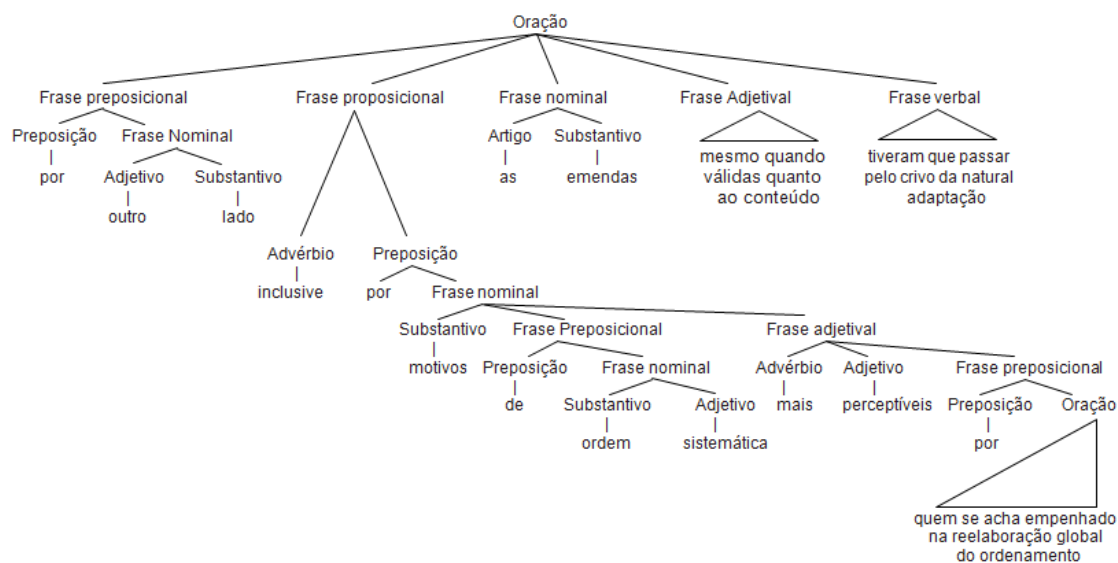
De encaixes no meio, Pinker dá alguns exemplos “monstruosos”, e não se furta em externar a radical opinião de que “uma sentença com múltiplos encaixamentos em seu centro, mesmo sendo perfeitamente gramatical, não consegue ser analisada por mortais humanos” (2006, p. 143).

Exagero, talvez, pois a radicalidade quase sempre erra. É certo, todavia, que há pessoas nos meios acadêmicos, burocráticos e jurídicos que exercitam com gosto a produção de sentenças extravagantes, muito diferenciadas daquelas que seguem a ordem normal do idioma. Todavia, nem todas essas

sentenças são deselegantes ou incompreensíveis. O meio jurídico, em especial, pratica com entusiasmo a arte de subverter a ordem natural dos termos oracionais. A seguir, como exemplo, um parágrafo da Exposição de Motivos da Comissão Revisora e Elaboradora do Código Civil, de autoria do ilustre jurista Miguel Realle, com encaixes à esquerda e ao centro.

Por outro lado, inclusive por motivos de ordem sistemática, mais perceptíveis por quem se acha empenhado na reelaboração global do ordenamento, as emendas, mesmo quando válidas quanto ao conteúdo, tiveram que passar pelo crivo da natural adaptação. (2008, p. 114 – Miguel Realle)

A árvore correspondente teria o seguinte desenho simplificado.



Veja-se o quanto a frase principal [As emendas tiveram que passar pelo crivo natural da adaptação] está perdida em meio a outras que lhe foram dependuradas à direita e a uma (mesmo quando válidas quanto ao conteúdo) que separa o sujeito (as emendas) do predicado (tiveram que passar pelo crivo natural da adaptação).

g) Ambiguidade

Ambiguidade é dúvida decorrente da possibilidade de uma palavra ou expressão assumir dois ou mais significados diferentes em um discurso. Pode ser tomada como sinônimo de “dubiedade”, embora os linguistas prefiram o primeiro termo.

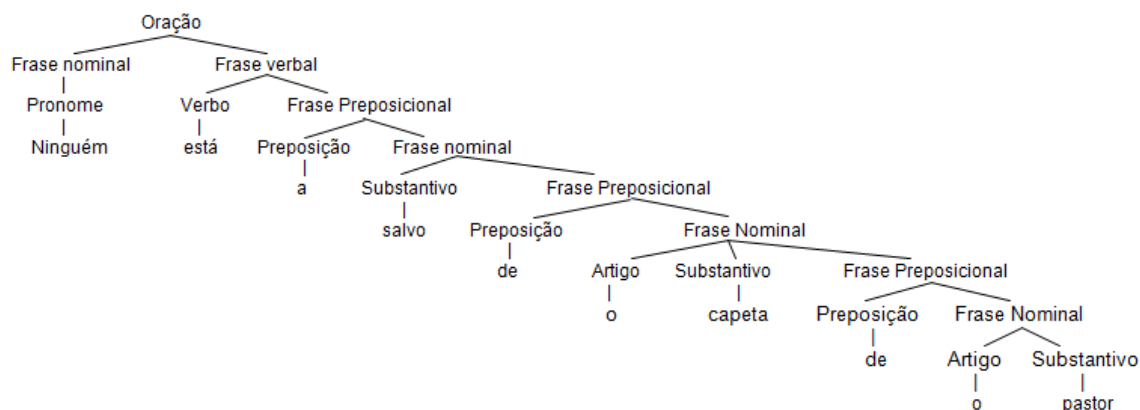
Salienta Pinker que o caso mais simples de ambiguidade resulta do fato de uma palavra isolada ter dois sentidos (2016, p. 148). Nessa situação, a ambiguidade deriva diretamente da polissemia, isto é, da existência de multiplicidade de significados para uma mesma palavra. Tomando a sentença que me foi sugerida como exemplo.

Ninguém está a saldo do capeta do pastor.

A palavra capeta pode ser interpretada como uma ironia, como um juízo de valor sobre a qualidade moral do pastor, sintaticamente, como um complemento nominal do pastor (capeta do pastor, nesse caso, semanticamente equivalente a pastor do capeta). Nesse caso, o pastor seria pessoa de índole ou de atitudes ruins, semelhantes às de um demônio. Mas capeta também pode se referir ao capeta em si, isto é, ao ente maligno capaz de induzir as pessoas à prática do mal e que é referenciado com frequência pelo pastor. Nesse último caso, o sintagma do pastor seria complemento nominal de capeta.

No exemplo, há ambiguidade do tipo lexical, porque ligada a uma palavra isolada capaz de assumir dois significados distintos. Capeta pode ser uma qualidade atribuída ao pregador ou um ente sobrenatural, muito conhecido pelo pastor, contrário ao bem.

A estrutura profunda da sentença está desenhada abaixo.



A ambiguidade lexical é usada às vezes com intensão clara de confundir ou de fazer chacota. Outras vezes aparece como curiosidade ou descuido. Há situações em que é difícil fugir dela, como no caso existente em uma placa publicitária (“outdoor”) colocada à saída de um bairro residencial nobre de Brasília (Lago Norte):

Fernanda vende sua casa.

Fernanda é uma corretora de imóveis especializada na venda de casas do Lago Norte. Acontece que o pronome possessivo *sua* no Português Brasileiro é empregado como referente a algo do gênero feminino (casa) em mãos da singular segunda pessoa do discurso mais do que o possessivo tradicional *tua*. Mas *sua* é empregado também para dizer de algo do gênero feminino atribuído a uma terceira pessoa singular. Portanto, no exemplo, Fernanda tanto pode estar vendendo a casa do leitor da placa, – o que, no caso, poderia justificar a reescrita do anúncio como *Fernanda vende tua casa* –, quanto estar vendendo a casa dela mesma, – hipótese em que caberia o anúncio *Fernanda vende a casa dela*.

Estando como está, qual das interpretações fará o leitor? Minha impressão é de que ninguém poderá dizer com certeza, posto que o “outdoor” só contém a sentença *Fernanda vende sua casa*, além do telefone para contato. Mas o leitor que souber que Fernanda é corretora de imóveis provavelmente adivinhará que a intenção do anúncio é vender casas de terceiros. Pode acontecer, todavia, de o leitor estar interessado em comprar casa, hipótese em

que o telefone de contato talvez receba chamada interessada em saber o preço da casa de Fernanda.

É certo que realidades extradiscursivas entram também no julgamento dos termos do “outdoor”. A primeira é a de que ninguém põe placas enormes em áreas públicas anunciando a intenção de vender a própria casa. Iniciativa desse tipo seria dispendiosa e, por assim dizer, escandalosa. Então, ao leitor da placa, é razoável entender que a corretora Fernanda esteja vendendo casa de terceiros, e não a dela. Outro aspecto está ligado ao impacto do anúncio junto ao público. No Português Brasileiro, o pronome pessoal tu e os correspondentes possessivos teu/tua estão em desuso na linguagem formal, aparecendo quase que somente na oralidade e nas mensagens eletrônicas trocadas entre amigos. Não seria prudente, portanto, que a corretora, – alguém interessado em angariar clientes –, usasse em sua propaganda a frase Fernanda vende tua casa. O anúncio soaria informal demais, invasivo demais e quiçá até ameaçador: tome cuidado, a Fernanda vende tua casa.

Desse modo, restou à Fernanda usar o possessivo “sua”: com isso, afastou interpretações maliciosas ou erráticas e ganhou de lambuja a publicidade decorrente da discussão sintática dos termos do seu placão.

Esses são dois exemplos de ambiguidades lexicais. Todavia, mais importantes, talvez, sejam as ambiguidades sintáticas. Derivam do fato de que é possível extrair sentidos distintos interconectando palavras de modos diversos no interior de mais de uma árvore.

Steven Pinker (1) é ácido e didático ao se referir às ambiguidades sintáticas (2016, p. 148-149).

As ambiguidades sintáticas são a fonte de bobagens frequentemente transmitidas por e-mail e originárias de manchetes de jornais (...), em relatórios médicos (...), em anúncios de classificados (...), boletins de igreja (...) e cartas de recomendação (...).

As reticências entre parênteses estão preenchidas no texto de Pinker por exemplos da língua inglesa. Vertidos ao português por Rodolfo Ilari, nem todos revelam a exata dimensão do ambíguo na língua original, apesar da habilidade do tradutor. Entre os exemplos citados, há pelo menos um com

ambiguidade bem clara: “This week’s youth discussion will be on teen suicide in the church basement”; traduzido assim por Ilari: “A próxima discussão semanal de jovens será sobre o suicídio de adolescentes no subsolo da igreja” (2016, p. 149). Algum leitor pode entender que a discussão será no subsolo da igreja; outro que os suicídios de adolescentes ocorreram no subsolo da igreja. Embora para mim seja bastante desarrazoado o segundo entendimento, ele é sintaticamente possível e útil, pelo menos para fim de chacota.

Vou explorar dois exemplos do português brasileiro. Inicialmente, tomarei a ambiguidade presente em manchete do jornal Folha de São Paulo, edição de 18 de maio de 2019 (Anexo I).

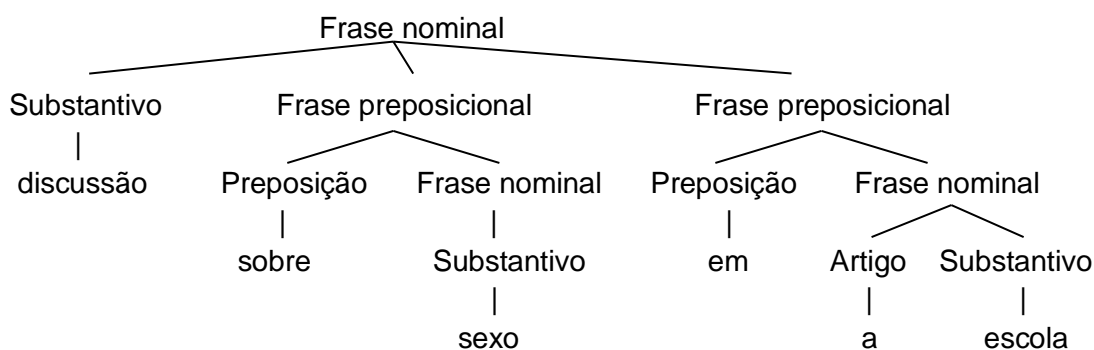
Discussão sobre sexo na escola aumenta proteção contra abuso.

Há aqui duas possibilidades interpretativas: (sentido 1) discussão feita na escola a respeito do sexo aumenta proteção contra abuso; e (sentido 2) discussão sobre sexo praticado na escola aumenta proteção contra abuso.

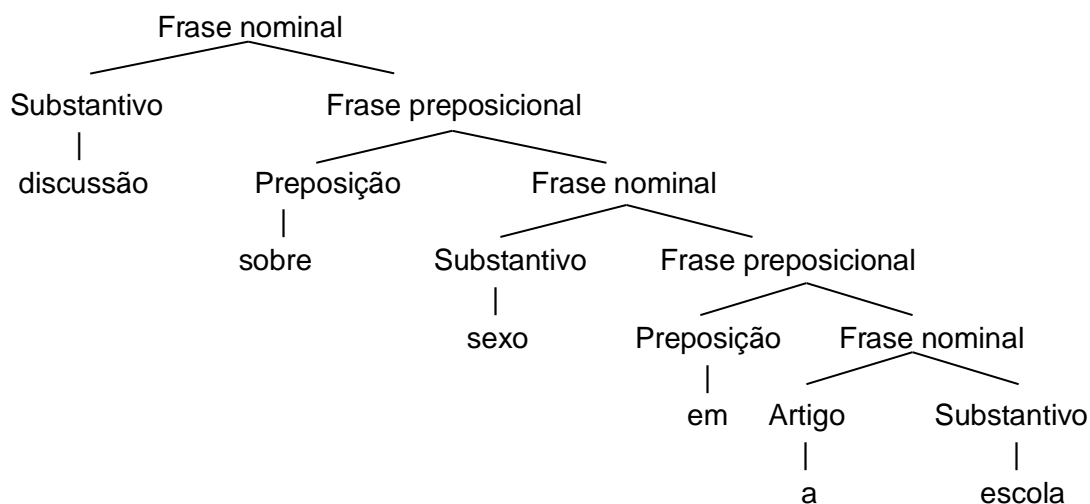
Cada um dos sentidos apoia-se em uma das possibilidades sintáticas do sintagma “na escola”. Ele pode ser tomado como complemento nominal de discussão, – hipótese em que a sentença resultará com o (sentido 1) –, ou como complemento nominal de sexo, – hipótese em que prevalecerá o (sentido 2).

Os diagramas da estrutura profunda das duas possibilidades estão abaixo.

Discussão sobre sexo na escola
Interpretação 1: discussão na escola



Discussão sobre sexo na escola
Interpretação 2: sexo na escola



Mas o exemplo talvez não seja relevante para nortear a boa escrita. Presumo que qualquer leitor bem intencionado saberá que a manchete analisada tem o sentido 1. Todavia, não é difícil encontrar interpretes que queiram se aproveitar da manchete para, em seus foros e sem fornecer aos ouvintes maiores detalhes, argumentarem em favor de causas pouco civilizadas, como a vigilância e repressão aos professores¹⁹.

A questão, todavia, transcende à vontade manipulativa de humoristas e moralistas. É importante também para a boa escrita. Pinker assim se referiu a esta utilidade (2016, p. 150).

Para cada ambiguidade que causa inesperadamente riso ou ironia, deve haver milhares que geram simplesmente confusão. O leitor precisa esquadrihar várias vezes a sentença para descobrir qual dos dois sentidos o escritor tinha em mente; ou pior, pode ficar com o sentido errado, sem perceber.

Vou enfocar agora outra manchete do jornal Folha de São Paulo, desta vez da edição de 18/05/2019 (Anexo II).

¹⁹ Vigilância defendida por certos setores da sociedade brasileira sob o argumento de que os professores estariam promovendo o “sexo dentro da escola” a ponto de discutirem o assunto com seus alunos, ou disseminando a “ideologia de gênero”, ou pregando o abandono dos valores cristãos, ou doutrinando seus pupilos etc.

Divórcio pode ser feito em cartório sem o cônjuge em PE

Aqui, há duas possibilidades interpretativas: em uma delas, o leitor pode entender que um dos cônjuges não precisa estar em PE para que o outro requeira o divórcio; na outra, que o cônjuge interessado pode requerer o divórcio em Pernambuco sem a presença de um dos cônjuges.

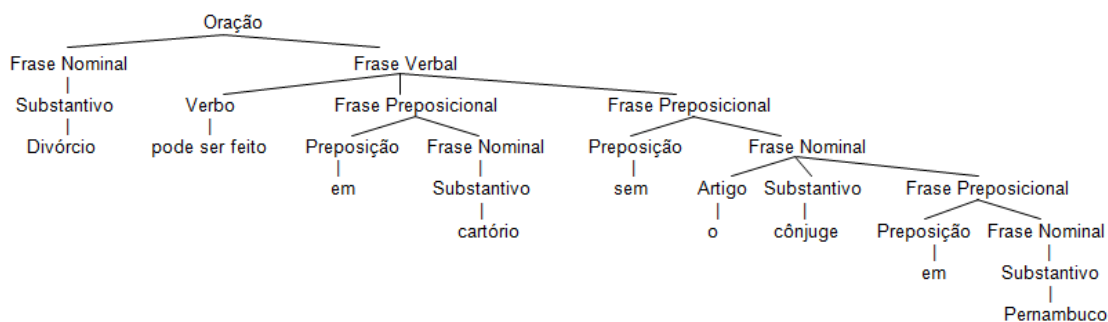
Lendo o texto jornalístico abaixo da manchete, fica claro o sentido da manchete.

A frase dita muitas vezes em finais de casamento – “Não dou o divórcio, se quiser vá na Justiça” – não funciona mais em Pernambuco.

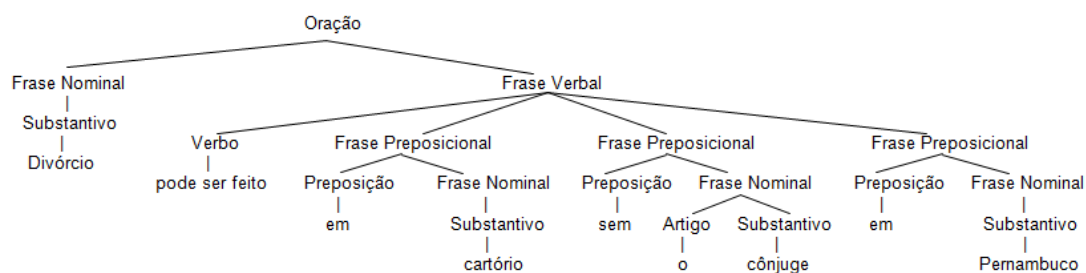
Agora, as pessoas podem ir direto ao cartório de Registro Civil onde foi feito o casamento e solicitar o divórcio, sem precisar que a outra parte esteja de acordo nem mesmo presente.

As árvores para as duas interpretações possuem os seguintes desenhos (estrutura profunda).

Interpretação 1: Divórcio pode ser feito em cartório, sem o cônjuge estar em PE



Interpretação 2: Divórcio pode ser feito em Pernambuco sem um dos cônjuges



Os diagramas mostram que, no caso da interpretação 2 (interpretação correta), o sintagma em PE é adjunto adverbial; na interpretação 1, é adjunto adnominal de cômjuge.

h) Caminhos de jardim

Para cada ambiguidade que produz uma interpretação coerente (mas diferente da esperada) da sentença como um todo, deve haver milhares que atrapalham o leitor, forçando-o a voltar atrás e a reanalisar algumas palavras.

É assim que Pinker refere-se pela primeira vez (2016, p. 151) aos chamados “garden paths”, - traduzido como caminhos de jardim -, quase repetindo o texto relativo às ambiguidades sintáticas. Explica que o deriva da expressão “to lead someone up the garden path”, traduzida literalmente por Ilari como “levar alguém pelo caminho do jardim” no sentido de “levar alguém no bico” (2016, p. 151). Particularmente, não gosto da expressão. Não consigo entender como levar alguém a passear por um jardim seja equivalente a enganar este alguém. Preferiria algo mais contundente, como caminhos da perdição ou passarelas para a confusão.

Pinker dá vários exemplos desses caminhos-floridos-todavia-sombrios, dois abaixo reproduzidos, com as possíveis traduções (2016, p. 151).

*The prime number few. Os excelentes dão uma conta pequena/
Os poucos do número primo ...???*

When Fred eats food gets thrown. Quando Fred come a comida é jogada fora./ Quando Fred come é jogado fora.

Pinker assinala que os “garden paths”, caminhos da perdição, fazem o ato de ler “uma entediante dança de vai e volta” (2016, p. 153). A invisibilidade, a ignorância, desse defeito pelo escritor é atribuída por Pinker à “maldição do conhecimento”. De minha parte, creio que, afóra a maldição, contribuem o hábito de escrever sob as regras de certo estilo, como o juridiquês, e a perda de controle sobre as sentenças. O texto abaixo foi selecionado de um artigo escrito por um graduando em Direito.

Com o advento da Lei nº 9.099/95, a justiça brasileira deu um grande passo em direção à modernidade, o acesso à justiça, tema

espinhoso que deve ser tratado com seriedade que merece, acenou para um contingente expressivo, que até então, encontrava-se praticamente à margem do sistema judiciário. O rito processual encontrava-se praticamente à margem do sistema judiciário. (...). Como é cediço, no rastro de qualquer grande mudança, em decorrência da própria natureza humana, surgem questões polêmicas e controvertidas que ao longo do tempo são saneadas, sobretudo pelo próprio trabalho das rodas da engrenagem que tendem a amoldarem-se harmonicamente com o descortinar de cada novo dia.

A primeira sentença do trecho é compreensível, embora exigente de atenção. Começa com a afirmativa de que, com a Lei dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais (Lei nº 9099/95), a justiça brasileira deu um passo para a modernidade. O raciocínio é interrompido na sequência, pois não revela a forma como a justiça fez o progresso. Ao invés, prefere salientar a necessidade de o acesso à Justiça ser tratado com seriedade. Somente após a assertiva, o texto volta ao início do discurso revelando que a justiça se modernizou ao acenar para um contingente expressivo, que estava praticamente à margem do sistema jurídico. A segunda sentença caminha bem até a introdução das rodas de uma determinada engrenagem, as quais tendem a se amoldar a algo que não é revelado. Garante-se, todavia, que tais rodas e os dias se amoldam harmonicamente, à medida que aquelas giram e estes se descortinam.

Parece-me às vezes que os “caminhos de jardim”, passarelas para a confusão, são úteis para revelar os recônditos do pensamento de quem os constrói. Reproduzo a seguir outro trecho do sítio do Ministério da Educação, desta vez, sem comentários (2005, p. 43)

Uma análise apurada dos problemas sociais e psicossociais detectados nas famílias dos alunos levará necessariamente a escola e os professores a perceber a realidade dos alunos, não só olhando de uma forma diferente, como também encaminhar os problemas que já não são mais da competência da escola, para serem resolvidos por quem é de direito.

4. OS CAPÍTULOS OMITIDOS

Pinker não numera os capítulos de seu livro. Apenas os nomeia com títulos e subtítulos sugestivos. Este TCC, além do prólogo, abordou dois desses capítulos, mas o livro todo compreende cinco. Os omitidos foram os seguintes:

- Uma janela para o mundo - O estilo clássico como um antídoto para o acadêmiquês, o burocratês, o corporativês, o legalês, o oficialês e outros tipos de prosa mal ventilada (2016, p. 41).

- A maldição do conhecimento – A principal causa da prosa incompreensível é a dificuldade de imaginar como é, para o outro, não saber alguma coisa que você sabe (2016, p. 79).

- Arcos de coerência – Como garantir que os leitores reconhecerão o assunto, entenderão o que está em jogo, não perderão de vista os atores e conseguirão ver como uma ideia se encadeia na outra (2016, p. 177).

Os três capítulos têm conteúdos relevantes e, por isso mesmo, deveriam ser dissecados. Não o foram, todavia, por falta de tempo ou em razão de um preterimento injusto. Talvez fale deles em oportunidades futuras.

O capítulo “Uma janela para o mundo” parte do fato óbvio de que falar é muito diferente de escrever. Durante a fala, ressalta Pinke, os envolvidos estão em contato direto e, por isso, podem monitorar reciprocamente suas reações (2016, p. 41). Na escrita isto não acontece. “Escrever é um ato não natural” (2016, p. 41). Diferente do que acontece na fala, na escrita o interlocutor é imaginário. Nas palavras de Pinker (2016, p. 42),

Escrever é, antes de tudo, um ato de faz de conta. Temos que nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

A chave para um bom estilo, muito mais do que a obediência a uma lista de preceitos, consiste em ter uma concepção clara do mundo de faz de conta em que você está fingindo comunicar-se.

Notícia Pinker que dois estudiosos de literatura, – Francis-Noël Thomas e Mark Turner –, propuseram um modelo para a inspiração dos escritores e o chamaram de “estilo clássico” (2016, p. 43). “A metáfora-guia do estilo

clássico é ver o mundo. (...) O objetivo da escrita é a apresentação, e sua motivação é a verdade desinteressada” (2016, p. 43).

Pinker considera o estilo clássico um antídoto para os estilos que se avolumam em nome de uma especificidade sem graça e muitas vezes desnecessária. Defende que o escritor de prosa clássica “não precisa argumentar em favor de uma verdade; só precisa apresentá-la” (2016, p. 43). Desenvolve esse raciocínio com exemplos, detalhes e mestria. E resume assim seu pensamento: o estilo clássico “encara a prosa como uma janela para o mundo” (2016, p. 177).

“A maldição do conhecimento” é o capítulo seguinte ao do estilo clássico. O incêndio da prensa tornou necessária a submersão deste capítulo nas águas do esquecimento consciente, mas bem que ele também merece um resgate futuro.

Por ora, importa reproduzir a opinião de Pinker sobre o hábito de muitos escritores de elaborarem seus textos como se os leitores tivessem a mesma cabeça que eles (2016, p. 83).

A maldição do conhecimento é a melhor explicação que conheço para o fato de que há pessoas boas que escrevem prosa ruim. Simplesmente não passa pela cabeça dessas pessoas que seus leitores não sabem aquilo que elas sabem.

A maldição do conhecimento, se afastada, por certo facilitaria muito a vida dos cidadãos. Não duvido que seja universal o sentimento de desânimo diante de manuais de instruções recheados de termos e expressões inusuais ou inacessíveis a usuários de equipamentos eletrônicos, ou de fármacos, ou de serviços prestados por agentes públicos e privados.

Entre outras considerações, Pinker fornece algumas receitas capazes de exorcizar a maldição do conhecimento:

- d) evitar o uso de jargão, abreviações e vocabulário técnico (2016, p. 86)
- e) “acrescentar algumas palavras de explicação a termos técnicos comuns” (2016, p. 87);
- f) considerar que “uma explicação sem exemplos não é muito melhor do que explicação nenhuma” (2016, p. 88);

g) ter em mente o problema da “fragmentação”, isto é, a organização por blocos da memória humana (2016, p. 90): “Agrupar em blocos não é apenas um truque para melhorar a memória; é a energia vital da inteligência superior” (2016, p. 91).

“Arcos de coerência” é o último capítulo do livro. Pinker aborda nele o texto como um todo, e não as sentenças individualmente. Em suas palavras (2016, p. 176)

Mesmo que todas as sentenças num texto sejam enxutas, transparentes e bem formadas, um sucessão de sentenças pode soar tumultuada, descoordenada, dispersivas – numa só palavra: incoerente.

A coerência textual é o assunto principal do capítulo. Nas palavras de Pinker, “é a fome por coerência que guia todo o processo de compreensão da linguagem” (2016, p. 180). Diz também que “a coerência começa quando o escritor tem clareza no tópico” (2016, p. 186). Os conceitos de tópico (2016, p. 186) e de topicalização (2016, p. 187) são dados em seguida, antes da revelação de que “o leitor precisa conhecer o tópico de um texto para compreendê-lo” (2016, p. 187). Mais ainda: que “junto com o tópico de um texto, o leitor precisa normalmente conhecer seu objetivo” (2016, p. 188).

A importância do tópico é ressaltada a partir da análise de um texto trivial, de autoria de Mike O’Connor, proprietário da loja Bird Watcher’s General Store em Orleans, Massachusetts. Pinker mostra que o comerciante respondeu por escrito a uma pergunta sobre a migração de garças feita por uma cliente mantendo as garças na posição de sujeito das sentenças da resposta. Tanto no Inglês quanto no Português, a posição do sujeito é normalmente coincidente com o tópico. Assim, explica Pinker, o comerciante estabeleceu um “arco de coerência” entre as sentenças de sua explicação. Ressalta que (2016, p. 193):

É sempre mais fácil para o leitor seguir uma narrativa se pode ficar de olho num protagonista que faz avançar o enredo do que acompanhar um desfile de entidades afetadas passivamente.

Pinker mostra outro “arco de coerência” existente na resposta do comerciante, este ligando as manifestações do frio. Ressalta que as garças migram em função do frio, de modo que há uma “sequência tópica” entre o arco

que liga as sentenças sobre garças e o arco que liga as sentenças sobre o frio (2016, p. 193).

E nesse diapasão que Pinker evolui para mostrar a necessidade de se manter a conexão textual entre as ideias. Como uma espécie de resumo a esse ponto, apresenta a hipótese de David Hume no livro *An Inquiry Concerning Human Understanding*, de 1748, seguinte (2016, p. 202):

Parece haver somente três princípios de conexão entre as ideias, a saber, a semelhança, a contiguidade e a causa ou efeito.

Segue historiando e exemplificando a evolução do pensamento de Hume, – mantido em sua essência até os dias de hoje –, para fechar o capítulo com a comparação de dois textos: o do renomado escritor John Keegan em sua obra *A History of Warfare*, e o do cientista político John Mueller em *The Remnants of the War*. O texto de Keegan é criticado em função da ausência de três outros fatores de coerência: negações claras e plausíveis, senso e proporção e consistência temática (2016, p. 216); o de Mueller é elogiado exatamente pela presença desses fatores (2016, p. 235-236).

A exiguidade do tempo e o ritmo lento de trabalho do graduando não permitiram a exposição detalhada das nuances deste capítulo, o que é uma pena, dada a relevância do capítulo. Há esperança de que um dia isso seja possível.

5. CONCLUSÃO

O “Guia de Escrita” é um livro abrangente. Ele aborda tanto os defeitos que podem ocorrer em trechos do discurso escrito (bem assim as providências para evitá-los e saná-los), como as imperfeições que comprometem a coerência de um texto (bem assim o remédio respectivo). É verdadeiramente um guia de escrita, um livro de capítulos coerentes e entrelaçados, não um punhado de aconselhamentos desprovido de fundamento ou fundamentado em idiosincrasias.

Mas, se se trata de livro com capítulos coerentes e entrelaçados, até que ponto este TCC permitiria alguma conclusão, já que explora em profundidade somente dois ou três capítulos da obra?

O buraco da dúvida será coberto por duas camadas de argumentos, a saber.

A primeira é a de que este trabalho, embora abarque o exame detalhado de dois (ou três) dos cinco (ou seis) capítulos de Pinker, foi feito a partir da leitura integral do livro em questão.

A segunda é a de que os dois (ou três) capítulos examinados são amostra suficiente do modo inovador como Pinker cuidou de “ensinar” escritores e leitores a melhorarem sua escrita e percepção. O prólogo é um antídoto contra a crença de que a língua é um instrumento imutável e de que antes tudo nela era melhor. O capítulo “Escrever bem” aconselha, com mestria, todos a lerem as obras dos bons autores e a se deliciarem com os estilos e as belezas presentes, de modo a poderem executar com êxito a engenharia reversa. O capítulo “A rede, a árvore e a sequência” é ponto de inflexão, é chamamento à troca das lições da “Srta. Thistlebottom” (2016, p. 104), pautadas no ranço didático e na gramática tradicional, pela análise à luz de conceitos linguísticos, especialmente dos desenvolvido por Noam Chomsky ou a partir das ideias dele.

Seria bom que pudesse concluir falando do último capítulo de Guia de Escrita (Arcos de coerência), talvez o ápice da obra de Pinker, mais isso me faria fugir ao escopo deste trabalho. Penso, todavia, oportuno comparar o livro de Pinker com os tradicionais manuais de redação, encontradiços em órgãos e

empresas de comunicação de algum porte. Esses manuais, em regra, são essencialmente balizas instrumentais e ideológicas oferecidas às pessoas que trabalham nas entidades que os editam e têm como objetivo ajustar os textos a serem produzidos à ideologia, ao estilo e às idiossincrasias desejadas ou cultivadas pelos gestores. Não são textos escolares e nem são uteis indistintamente a todos os interessados em bem escrever.

A obra de Pinker, por sua vez, afigura-se de utilidade universal, inovadora, e realmente capaz de ensinar ou orientar os interessados em escrever com elegância e com estilo. Quanto aos problemas sintáticos, semânticos e estilísticos decorrentes das diferenças de nossa língua com o inglês, eles parecem ter sido satisfatoriamente resolvidos na tradução de Rodolfo Ilari (não tenho domínio do idioma inglês). Melhor, todavia, se houvesse no Brasil uma publicação inspirada na obra e organização de Pinker, quem sabe uma espécie paródia literária, recheada de exemplos do Português Brasileiro, evidentemente editado com observância do direito autoral.

Por fim, uma crítica: o capítulo “A rede, a árvore e a sequência” poderia ser mais profundo na explicação dos conceitos e teorias linguísticas.

E é só por enquanto.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. Poesias Completas. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. Código Civil (2002). Código civil brasileiro e legislação correlata. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 616 p. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70327>. Visualizado em: 2 de dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal. Future-se. Depoimento do Ministro à Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>. Acesso em: 2 de dez. 2019.

JOYCE, James. Ulysses. Planet PDF. Disponível em https://planetpdf.com/planetpdf/pdfs/free_ebooks/Ulysses_NT.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019

JOYCE, James. Ulysses. Tradução de Antônio Houaiss. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

JOYCE, James. Ulysses. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Shwarcz, 2012.

KATO, Mary & MIOTO, Carlos. A Arquitetura da Gramática. In: KATO, Mart & NASCIMENTO, Milton do (Org.). Gramática do Português Culto Falado no Brasil; Vol. 3: a formação da sentença. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2009.

MIOTO, Carlos & SILVA, Maria C. Figueiredo & LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis: Insular, 3ª ed., 2007.

PINKER, Steven. Guia de Escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 45ª edição. Disponível em: <https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Vidas-secas-de-Graciliano-Ramos.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2019

RODRIGUES, Luiz G. O. Irineu. Sistema Recursal nos Juizados Especiais Cíveis – Críticas e Sugestões. In: Revista do Curso de Direito da Universidade Estácio de Sá. Disponível em: <http://estacio.br/graduacao/direito/revista/revista4/artigo21.htm>
Acesso em: 2 dez. 2019.

ROSA, João Guimarães. Sagarana. 10ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

SILVA, José Pereira da. Estrutura profunda e sua importância na teoria formal da gramática. In: Linguagem em (Re)vista, vol. 12, n. 24. Niterói, jul./dez. 2017. Disponível em <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/24/04.pdf>.
Visualizado em: 2 de dez. 2019.

SOUZA, Clodoaldo José de Almeida. Subsídios para o planejamento da rede escolar com base na experiência do minicenso educacional. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2006/planredesc.pdf>. Acesso em: 2 dez 2019.

educação Discussão sobre sexo na escola aumenta proteção contra abuso

Relatório mostra que debate em sala de aula faz crescer denúncias de jovens

Iara Biderman

SÃO PAULO "Quem ensina sobre sexo é papai e mamãe." "Falar sobre questão de gênero é doutrinação." Frases como estas têm se disseminado nas redes sociais, mas não encontram respaldo em estudos e pesquisas.

E jogam contra o combate à exploração sexual infantil. Segundo o relatório "Out of the Shadows", elaborado pela revista britânica The Economist com apoio da World Childhood Foundation e da Oak Foundation, a discussão sobre sexualidade e gênero aumenta a capacidade de um pa-

ter o problema.

"Estatísticas mostram que crianças que passaram por programas de educação sexual formal e planejada têm seis vezes mais ferramentas de proteção contra abuso e exploração sexual", diz Caroline Arcari, mestre em educação sexual e autora de "Pi-pple and Piip", livro sobre prevenção de violência sexual destinado a crianças a partir dos quatro anos.

Uma revisão de estudos da fundação Cochrane, rede global dedicada à revisão de pesquisas científicas, conclui haver evidências de melhoria nos conhecimentos e comportame-

ntal de 24 estudos, com um total de 5,8 mil participantes. Os resultados mostram que os programas fazem crescer as chances de os estudantes denunciarem abusos, sem aumentar ansiedade ou medo.

"Alguns grupos argumentam que a educação sexual poderia enervar precocemente a criança. Há uma confusão sobre o que ela trata: é aprender sobre o corpo, sobre seus sentimentos, sobre o mundo, sobre limites e seus direitos", afirma Arcari.

Há uma sexualização precoce estimulada pela sociedade de consumo, que convive com um discurso contraditório so-

lidade, recebem a mensagem de que não podem falar nem pensar sobre o assunto. Já os meninos aprendem a exercer a sexualidade sem se responsabilizar por elas", diz Viviana Santiago, gerente de gênero da Plan International Brasil, ONG voltada à defesa e à capacitação de jovens.

Para ela, a discussão de gênero nas escolas é uma ferramenta para combater não só a exploração sexual comercial, mas também problemas como gravidez na adolescência. Informações sobre sexo vão chegar de qualquer maneira às crianças, especialmente com o e-

Márcia A

vice-pri (União B

Para M escola te llarressi fândia, r sabem c que o a pla o e para ou tes e ap Psicol cação, t gação / cção em ra profi com o e

COB

Divórcio pode ser feito em cartório sem o cônjuge em PE

Outra parte é avisada por oficial de Justiça; conselheiro quer barrar medida

Joana Suarez

secre. A frase dita muitas vezes em finais de casamento — "Não dou o divórcio, se quiser vá na justiça" — não funciona mais em Pernambuco.

Agora, as pessoas já podem ir direto ao cartório de Registro Civil onde foi feito o casamento e solicitar o divórcio, sem precisar que a outra parte esteja de acordo nem mesmo presente. Um dos cônjuges pode exercer seu direito de se divorciar

via separação judicial ou discussão de culpas sobre o fim do relacionamento.

"Nenhuma lei pode garantir a manutenção do casamento quando existe a quebra dos alicerces. A solução deve ser irredutível, a ruptura do casamento é um ritual de passagem, que pode ser menos doído", diz Alves.

A medida pode ser estendida para outros estados, de acordo com ele. "Tenho conhecimento de diversos estabelecimentos de diversos esta-

do divórcio unilateral) vai ajudar muitas pessoas. E um direito meu, não sou obrigado a ficar com o nome dele", diz Cláudia.

A decisão de Pernambuco prevê também que a pessoa já solicite a retirada do sobrenome do cônjuge ao requerimento de averbação do divórcio em cartório.

A população mais carente, que depende da defensoria para ações judiciais, e mulheres vítimas de violência, que precisam resolver de manei-

na que desafiaram o Judiciário, segundo o Defensor Público Geral de Pernambuco José Fabrício de Lima.

A Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen), representativa dos cartórios, informou que o movimento está restrito a Pernambuco, mas certamente, se estendido para todo o Brasil, a população e a sociedade em muito se beneficiaria. Segundo Anita Cavalcanti de Albuquerque Nunes, vi-



Felício de Sousa - Gabriel Colares, Folha press